IAP_ NOS_ MULHERES_ SETEMBRO_ OUTUBRO_ DE_ 1976 _N_2

NÓS MULHERES

SETEMBRO/OUTUBRO DE 1976

Nº 2

CR$5,00

QUEM ABANDONA O MENOR ABANDONADO?

SAINDO PARA O TRABALHO: ONDE DEIXAR NOSSOS FILHOS?

A OPORTUNIDADE DE VOTAR DE NOVO

CONDUÇÃO, CASA, COMIDA: O DINHEIRO ESTÁ DANDO?

Os direitos da mulher

Depoimentos de prostitutas

A mulher na música e na literatura

DONA DE CASA: QUAL O REINO DESTA RAINHA?

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

NÓS MULHERES

Nº 2

Expediente

Conselho Editorial
Bia Kfouri
Carolina Macedo
Cida Aidar
Conceição Cahú
Jany Raschkovsky
Laura Salgado
Leda Cristina Orosco Galvão
Lia Zatz
Liane Ralston
Maria Inês Castilho
Maria Inês Zanchetta
Maria Moraes
Marianna Francisca M.Monteiro
Marli C. Gonçalves
Rachel Moreno
Renata Villas Boas
Solange Padilha
Suzana Camargo Kfouri

Colaboradores
Ana Maria Hallberg
Aniko
Avani Stein
Maria Carolina Leme Priolli
Celina Vargas Escosteguy
Ciça
Cleide Stanis Montanari
Cynthia Sarti
Marta Lúcia Baleeiro
Regina Rebollo
Rita De Luca
Rosa Jandyra Gauditano
Ruth Toledo
Ruth Verde Zein
Sandra Abdalla
Thereza Bissoto
Thomaz D'Aquino
Toninho Mendes
Vera Lúcia de Oliveira
Grupo Feminista de B.H.
e todas as mulheres que contribuiram com seu depoimento

Jornalista Responsável
Marisa Correa

Colaboradora Financeira
Elis Regina da Costa

Distribuição
São Paulo:- França Pinto

NÓS MULHERES é uma publicação da **Associação das Mulheres**.

Administração e Redação: rua Capote Valente, 376, porão, Pinheiros, São Paulo. Composto e impresso pela Empresa Jornalistica AFA, Av. Liberdade, 704, fone: 278-9010.

editorial

O custo de vida não para de subir. Aumentou o preço do feijão, da carne, das frutas, do leite. Segundo estatísticas oficiais, de julho do ano passado a julho deste ano, o custo de vida aumentou de 43%, ou seja: uma família que gastava 1.000 cruzeiros (o ano passado) para comer, vestir, morar etc.., hoje teria que pagar 1436 cruzeiros pelas mesmas coisas. O resultado é que as famílias das classes trabalhadoras têm que reduzir ainda mais o seu precário nível de vida.

Diante dessa situação, um número cada vez maior de mulheres saem de seu isolamento para, juntas, analisarem as condições em que vivem, reivindicando mudanças. Em junho desse ano, mulheres da periferia de São Paulo reuniram 4.000 pessoas em Vila Remo, para discutirem e mostrar às autoridades a necessidade imediata de se congelar os preços e aumentar os salários.

Em Mauá, no outro canto da cidade, as donas de casa do Parque das Américas se reuniram para pedir ao prefeito que mande sanear o córrego e instale um posto de puericultura, medidas mínimas para melhorar as condições de vida do bairro.

Em todas as direções os problemas são os mesmos: é preciso que os salários aumentem, que os preços dos gêneros alimentícios sejam congelados, que o sistema de transportes sofra melhorias, que se criem creches, etc..

Trabalhando fora de casa ou não, são as mulheres as responsáveis pelo trabalho doméstico e, naturalmente, quem maior contato cotidiano tem com essa situação. Executando este trabalho, elas garantem parte da existência dos trabalhadores e de sua geração futura. Assim, custo de vida e trabalho doméstico são problemas interligados e é por isso que donas de casa nos falam também de suas reivindicações, de sua função e da importância social de seu papel.

Sabemos também que devido às condições sociais e aos baixos salários, cada vez mais mulheres saem de casa à procura de trabalho, seja para seu sustento próprio, seja para aumentar o rendimento familiar. Entretanto, as opções são poucas e são as mulheres as mais prejudicadas pelo desemprêgo. Dessas dificuldades do mercado de trabalho nos falam outras mulheres.

Finalmente, Nós Mulheres trata também das eleições municipais na medida em que estas são uma das formas encontradas pelo povo para expressar e encaminhar suas reivindicações.

Refletir os problemas sentidos, vividos, e discutidos por todas Nós Mulhres é a forma que este jornal está procurando para ser, cada vez mais, um jornal representativo da maioria das mulheres brasileiras. Para tanto, é fundamental que mais leitores nos enviem idéias, críticas, comentários e sugestões.

CONTRIBUA COM *NÓS MULHERES*
FAÇA SUA ASSINATURA

Para isto, envie cheque nominal de Cr$ 30,00 para a Associação das Mulheres à Rua Capote Valente, 376, Capital - SP - CEP: 05410. Essa assinatura dará direito a 6 números de jornal.

NOME.....
RUA.....Nº .....
BAIRRO .....CEP .....
CIDADE .....ESTADO .....
PROFISSÃO .....

Pela Imprensa Independente

OVELHA NEGRA ABCD BRASIL-MULHER
VERSUS MOVIMENTO DE FATO
DOIS PONTOS BOCA DO INFERNO
PASQUIM O BICHO LAMPIÃO
INFORMAÇÃO COBRA DE VIDRO
ESCRITA OPINIÃO VEREDA

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Qual a importância de escolher bem os candidatos para prefeito e vereador? Para que representem e defendam DE VERDADE a população de cada município.

Saiba escolher seu candidato

Em novembro deste ano, brasileiras e brasileiros elegerão 35.210 vereadores em todo o País. E os prefeitos e vice-prefeitos dos municípios que não sejam «estâncias hidrominerais» ou «áreas de segurança nacional». Nestes dois casos os prefeitos serão sempre da ARENA, nomeados pelo governador do Estado, ao invés de eleitos pelo povo.

Atualmente, das 571 prefeituras do estado de São Paulo, 488 são da ARENA e 83 do MDB. Na Câmara, a ARENA elegeu nas últimas eleições 4.931 vereadores e o MDB 808. Nas próximas eleições, em novembro, 20 municípios paulistas não elegerão seus prefeitos: 14 por serem estâncias hidrominerais e 6 por serem zonas de segurança nacional, dentre as quais está a capital paulista (assim como todas as demais capitais do país).

No caso das prefeituras do interior, tanto no estado de São Paulo quanto nos demais estados, é difícil escapar ao controle dos velhos políticos que fazem de tudo para influenciar o eleitorado. Foi por isso que alguns bispos do Brasil prepararam um ABC das Eleições, alertando a população para que não aceite ameaças ou venda seu voto em troca de pequenos favores. Os prefeitos e vereadores que conseguissem se eleger dessa forma seriam tudo, menos representantes do povo.

AS DIFICULDADES PARA UMA ELEIÇÃO DEMOCRÁTICA

Além desses problemas, que acabam prejudicando a participação popular nas eleições, não podemos esquecer de outras dificuldades que fazem as eleições não serem realmente democráticas. Por exemplo, o fato de só existirem dois partidos, ambos criados pelo governo. Isto se deu através do Ato Institucional nº 2, reforçado pelo Ato Institucional nº5, pelo Decreto Lei 477, pela Lei de Segurança Nacional, e recentemente pela Lei Falcão, que impede os candidatos de defenderem seu ponto de vista no rádio e na televisão. Por tudo isso, podemos dizer que são pequenas as chances de funcionamento do poder legislativo, o que faz dos vereadores pouco mais que figuras decorativas. São os técnicos das prefeituras, na tranquilidade de seus gabinetes, que decidem a respeito das obras e serviços principais para a população, sem que esta possa dar a sua opinião a respeito.

QUEM DECIDE PELO POVO?

A falta de participação do povo na solução de seus próprios problemas cria sérias dificuldades, principalmente para a classe trabalhora. O asfaltamento de ruas nos municípios da Grande São Paulo, por exemplo, é muitas vezes um problema para a população, mais do que um benefício. Devido às mensalidades altíssimas cobradas por esta melhoria, muitos moradores são obrigados a mudar-se, fugindo do progresso que seu salário não pode pagar. Se uma administração municipal, ou seja, uma prefeitura, não pode arcar com as despesas de asfaltamento, antes de colocá-lo seria melhor consultar a população. É preciso também perguntar se essa prefeitura não pode arcar com as despesas ou se seu orçamento foi mal empregado, pois muitas vezes é dada prioridade às obras de embelezamento, deixando-se de lado serviços mais importantes. Assim, não é sem razão que, até agora, os políticos são vistos como pessoas que nada fazem e só aparecem para fazer promessas em época de campanha.

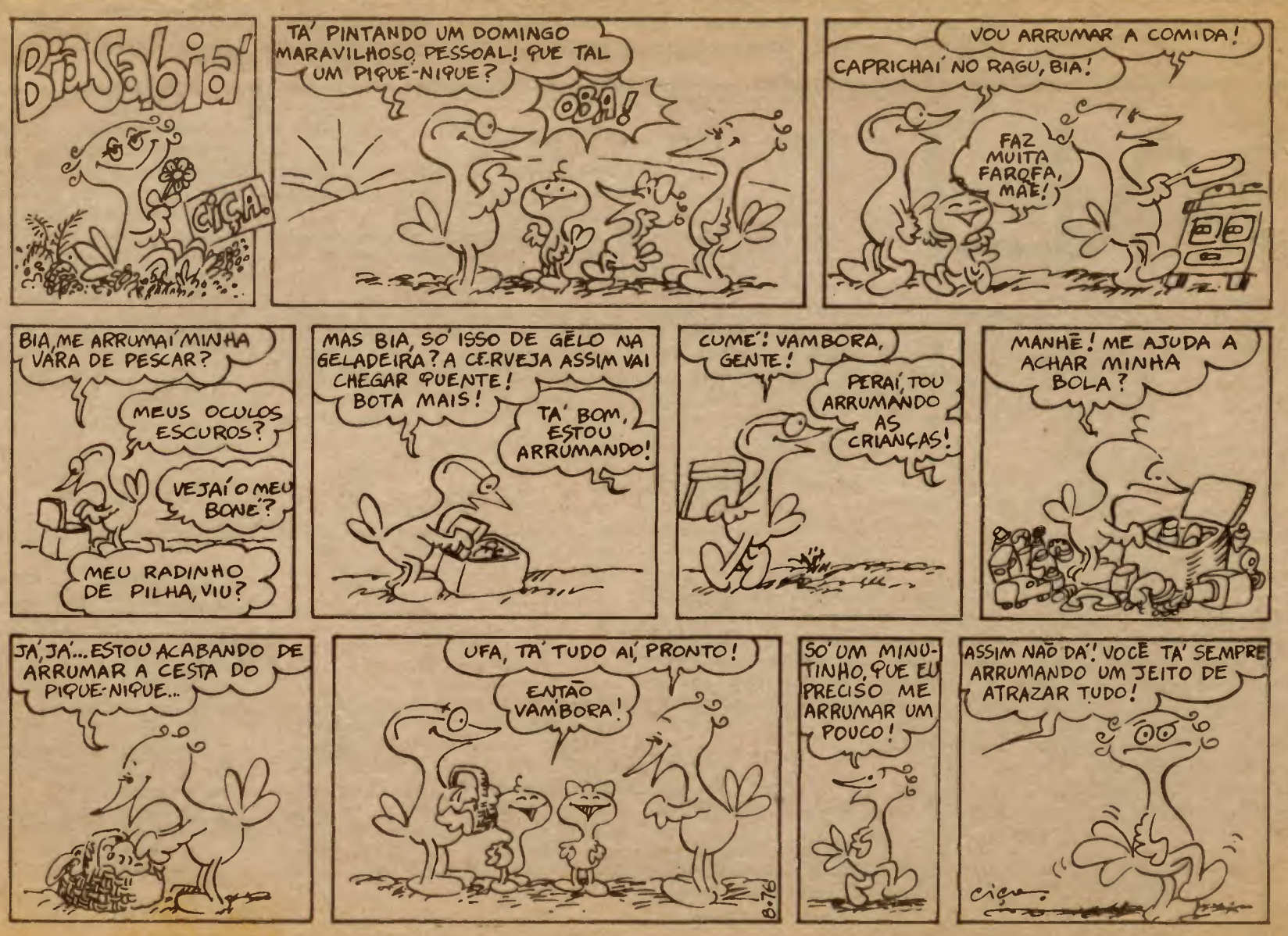
UMA NOVA ATITUDE: PARTICIPAR DAS DECISÕES

Se até agora a população tinha uma atitude conformada diante de seus problemas, a situação começa a mudar, tanto que vários trabalhadores decidiram disputar eles mesmos as eleições, pois a Câmara Municipal ou Câmara dos Vereadores pode ser um instrumento importante para que o povo faça ouvir a sua voz.

Diz uma trabalhadora, candidata a vereadora por um município industrial da Grande São Paulo: «Eu trabalhei em quatro campanhas eleitorais para o MDB. Depois a gente começou a ver que os candidatos para quem a gente trabalhava nem sempre defendiam aquilo que a gente pensava. A cúpula do partido lançava algum candidato e a gente era obrigado a trabalhar para ele. Então algumas pessoas me convidaram para participar de um grupo de renovação do diretório, com idéias diferentes daquelas que a gente conhecia. Uma, por exemplo, era a gente mesmo escolher os candidatos para quem a gente ia trabalhar. No caso, seriam as pessoas que a gente conhecia, que a gente tinha confiança.

Mostrando a necessidade de um programa, fruto de discussões coletivas, ela diz: «Os candidatos seriam pessoas que, se eleitas, defenderiam aquilo que a gente queria e não o que bem entendessem».

Essa nova atitude de querer participar na solução dos problemas da comunidade aparece neste trecho do jornal da Associação das Donas de Casa, que conta as conclusões de uma assembléia a respeito das necessidades mais urgentes do povo: «A saúde ganhou destaque principal entre vários problemas... Decidimos fazer uma pesquisa sobre saúde nesses bairros para saber o que pensa o povo, além das 40 mulheres que compareceram na assembléia, numa tentativa de, unidas, procurar chamar a atenção das autoridades competentes e do povo para o problema. Não só no sentido de se ter um posto de saúde, mas principalmente de ter condições de ter saúde».



DAQUI

As mulheres no banco de reserva

O trabalho da mulher que fica em casa, por não ser considerado «produtivo», é sempre relegado a segundo plano pela sociedade e projetos do governo.

Em casa, a mulher faz parte do «Exército Industrial de Reserva», e aguarda «oportunidades» de emprego na produção ativa. Recentemente, esse «Exército» foi lembrado pelo Ministro do Trabalho Arnaldo Prieto, quando declarava que o número de empregos continua alto no Brasil, dai o governo estar pensando em utilizar a mão-de-obra feminina. A mulher foi lembrada por ser mão-de-obra mais barata que o homem e aceitar cargos que eles preferem não ocupar. Prieto declarou que, devido à lei internacional que proíbe o aproveitamento da mão de obra feminina no trabalho noturno, o governo está enfrentando problemas para utilizar mais o trabalho da mulher. A mulher, sempre esquecida, é lembrada agora para suprir a escassez de mão-de-obra no trabalho noturno. Porque não abrir novas fontes de mercado para que possamos trabalhar em **todas** as frentes de produção? Não queremos ser jogadoras reserva, que entram em campo apenas quando o técnico tem problemas com os efetivos.

(JORNAL DA TARDE 27/8/76)

Mulheres na Petrobrás

As alunas de geologia da Universidade de Brasília estão denunciando a «cúpula administrativa da Petrobrás» por exercer uma política de contratação discriminatória, com relação às mulheres.

No ano passado, as alunas de geologia e química da UnB foram proibidas de prestar exames para ingressar nos quadros desta empresa. Recentemente, repetiu-se esta atitude preconceituosa: uma comissão da Petrobrás (enviada à UnB para selecionar formandos em geologia) afirmou que não existem barreiras para admissão de geologas «com a ressalva de que toda inscrição seja exclusivamente para cargo de paleontólogas» — cargo este, segundo as alunas, que se constitui num segmento da Profissão.

Diante desta situação as alunas acharam-se no dever de denunciar, publicamente, esta discriminação por parte da Petrobrás, exigindo condições para exercer livremente sua profissão, «um direito que cabe a todo ser humano que viva sob um mínimo de condições democráticas».

A terra para quem nela trabalha

«Em 29 de Janeiro deste ano, no municipio de Brejolândia, no Oeste do São Francisco, a posseira Marçonilia Rodrigues do Santos, de vinte anos, foi barbaramente assassinada a tiros a queima-roupa, por três pistoleiros que dirigiam um veiculo da Granvale. O filho de 15 meses de nascido, que a vitima trazia nos braços quando do seu assassinato, foi também atingido e se sobreviver ficará paralitico para o resto da vida. Este crime até hoje não foi apurado. A vitima era filha de um lavrador que vinha resistindo às ameaças de Roberto Souza Leão, empresário da Companhia Agropecuária do Grande Vale». (depoimento do presidente da Federação dos trabalhadores na Agricultura da Bahia ao jornal Movimento)

Os conflitos no campo brasileiro, resultando em mortes deste tipo, têm aumentado progressivamente nos últimos anos. Porque isto tem acontecido?

Os posseiros são trabalhadores rurais que ocupam uma terra virgem e dela tiram seu sustento e o de sua família. Porém, estes trabalhadores não têm título de propriedade e somente detêm a posse da terra pela ocupação desta. A abertura de novas estradas e outros meios de comunicação valorizam esta terra que antes era isolada e só tinha valor para o posseiro. Os grandes fazendeiros passam então a ter interesse em adquirir estas terras. Poderosos, porque ricos, eles usam de todos os meios para atingir seu objetivo: obtêm títulos de propriedade através do Estado, falsificam documentos ou simplesmente contratam homens armados para expulsar os posseiros de suas terras.

O posseiro não tem alternativa: ou se retira ou resiste e permanece na terra, surgindo daí os conflitos que têm terminado num grande número de mortes. O recurso dos posseiros, que seria apelar às autoridades policiais e judiciárias, de pouco ou nada lhes vale, pois estas autoridades na maior parte das vezes, protegem os grandes propietários, dos quais recebem dinheiro e presentes. A única solução para estes conflitos parece ser a implantação de uma reforma agrária com a justa distribuição das terras. E esta a palavra de ordem da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), segundo depoimento de seu presidente, José Francisco da Silva: «Nós, como representantes da classe, entendemos que se o problema nacional agrário é estrutural, apenas transformações estruturais podem resolvê-lo definitivamente. Criar novas leis sem que tenham as outras sido cumpridas, apenas desgasta o Poder Executivo e o Legislativo e gera a descrença em sua eficácia. Defendemos, pois, a Reforma Agrária como a grande medida que transformará o panorama agrário nacional e consequentemente as condições sócio-econômicas do Homem e do Campo». (Fonte: Jornal **Movimento**)

A morte de J.K. fez o povo chorar

Em Brasília mais de cem mil pessoas acompanharam o corpo de Juscelino até a tumba, vencendo enormes distâncias entre o aeroporto, a Catedral e o cemitério. No Rio, a multidão carregou seu caixão até o aeroporto de Santos Dumont entre soluços, palmas e vivas, cantando «ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil» e «O Peixe Vivo», uma de suas canções prediletas. Estas manifestações mostraram o reconhecimento de um povo a um homem que considerava seu representante genuino. «A morte de Juscelino trouxe um dado novo à situação política nacioanl» — disse o Senador Teotônio Vilela. «O que ele quis fazer vivo e não conseguiu, alcançou depois de morto: viabilizar o congraçamento nacional em torno da brasilidade democrática».

Congresso de Operárias no Brasil

Está previsto para novembro dêste ano, o primeiro congresso sôbre a situação da mulher no trabalho. O congresso é promovido pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, para a categoria.

«Nunca se deu chance para que a operária brasileira dissesse o que ela pensa de sua situação na fábrica, quais são os seus problemas, o que é que ela gostaria de mudar» diz-nos Lula, presidente do Sindicato em São Bernardo. «Por isso decidimos organizar êste congresso para que elas se façam ouvir. E esperamos que as demais categorias passem a fazer o mesmo. em seguida».

DALI

Olimpiadas: guerra em nome da paz

Depois do intenso envolvimento com atletas de 90 países do mundo, nas Olimpíadas realizadas no Canadá em julho último, surge uma nova modalidade de medicina, a **medicina esportiva**. Destinada a impulsionar os atletas para a vitória, a qualquer preço, a **medicina esportiva** impõe ao dia-a-dia do atleta, além das 6 horas mínimas de treino, injeções analgésicas para fazer parar a dor, doses de hormônio para desenvolver músculos onde eles naturalmente não se desenvolveriam, e todo um aparato de máquinas eletrônicas destinadas ao controle dos nervos ou a excitar a musculatura. E o símbolo das Olimpíadas, argolas entrelaçadas representando a amizade entre os povos, serve apenas para acobertar uma guerra política onde as armas são os próprios atletas, usados até o limite de sua capacidade na busca pelos recordes, o poder dos primeiros lugares e o ouro das medalhas.

Este ano, a «grande estrela» foi uma menina de 14 anos, a romena Nádia Comaneci, cuja espinha dobrava como se fosse de borracha. Mas no auge do sucesso, lá mesmo em Montreal, Nádia pode antever seu futuro nas palavras de Olga Korbut, 21 anos, campeã das Olimpíadas passadas (realizadas em Munique, Alemanha). Olga, que como Nádia encantou o público mundial com sua graça de criança há quatro anos atrás, fez em Montreal segundo o semanário alemão «Der Spiegel» uma declaração amarga: «O mais tardar aos 22 anos, uma ginasta é jogada pela janela».

Aqueles que atravessam uma carreira esportiva sem danos na coluna, pés ou articulações, são hoje considerados como exceção pela **medicina esportiva**. Danos permanentes da saúde são a herança mais constante dos atletas que fazem vibrar o público nas competições mundiais.

As mulheres irlandesas querem paz

As mulheres católicas e protestantes da Irlanda (do Ulster e da República da Irlanda) decidiram unir-se para protestar contra o terrorismo e as chacinas ocorridas neste país.

O movimento das mulheres reflete a frustração, a agonia, o desespero de duas gerações de mães, filhas, esposas, noivas e irmãs que vêem os militantes se matarem uns aos outros, lançarem bombas ou foguetes em bares, cinemas e escolas, metralharem crianças. Este movimento de pacificação foi o desdobramento de todas as tentativas havidas entre os grupos religiosos do Ulster, da Inglaterra e da República da Irlanda, entre os partidos políticos, os sindicatos de trabalhadores, representantes empresariais, associações humanitárias e elementos da intelectualidade.

As mulheres, agora, passam a constituir uma força que não pode ser ignorada por todas essas partes, interessadas no destino do país. **(J.T. 3/9/76)**

A morte de um grande lider

De um país miserável e predominantemente agrário a um Estado moderno e próspero — este foi o grande salto dado pela China Popular desde a Revolução, em 1945. Mao Tsé-Tung, o homem que liderou o povo chinês nesta longa marcha de libertação, faleceu no dia 8 de Setembro em Pequim, capital do país, aos 82 anos de idade.

Os chineses idosos ainda se lembram da época em que as famílias pobres vendiam suas filhas tentando conseguir dinheiro para sobreviver. Lembram-se também do costume barbaro de amarrar estreitamente os pés das jovens, até que o arco se quebrasse e os dedos virassem para baixo. Hoje, as mulheres chinesas participam do processo de produção, da vida política e intelectual do país. Seus filhos tem boas creches, jardins de infância e escolas, alimentação, habitação e saúde garantidos.

A notícia da morte do grande líder fez o povo chorar baixinho. Por mais de uma semana, seu corpo foi velado por centenas de milhares de chineses, que lhe prestaram a última homenagem.

Pela liberação da mulher peruana

Numa festa de «Cultura Popular», em Lima, várias mulheres de clubes de mães falaram sobre os problemas da jovem mulher do povo. A discussão girou em torno do «Ano da Mulher», da realidade cotidiana e das mudanças de mentalidade que estão ocorrendo. Uma mulher confessou que, como não sabia ler, desconhecia até aquele momento o «Ano da Mulher» e por isso o passara lavando e cozinhando.

Os problemas urgentes apresentados por estas mulheres são aqueles enfrentados por quase todas nós: trabalho, facilidades para os filhos, maltratos ocasionais ou permanentes por parte dos maridos e a necessidade de educação sexual.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

PARQUE DAS AMÉRICAS

PARQUE DO LIXO

um bairro que não é muito pior, nem muito melhor que os outros. Por isso, talvez seja um bom retrato da maioria dos nossos bairros de periferia. Mas seriam essas condições de vida adequadas e satisfatórias para a sua população?

«Olha, Diva, assim não dá! Qualquer dia ainda estoura uma briga feia! Acabei de limpar o rio e vem aquela vizinha e me joga a lata de lixo lá de nôvo. Já falei mil vêzes pra não fazer isso, e ela ainda me responde! Algum dia eu ainda perco a calma!»

Cena familiar. Vizinhas geralmente brigam, aberta ou disfarçadamente, competindo, fofocando. E também assim que se mantém nosso mundo do jeito que êle está. Mas a Diva tenta mudar o que pode. E acalma Ana:

«Calma, Ana, não adianta brigar. Nós temos é que unir a vizinhança pra conseguir o que a gente quer, não brigar. Senão não adianta.»

«E, eu sei, mas eu fico louca da vida! Não aguento limpar, limpar... Tem dia em que não dá nem pra comer, com o cheiro...Mas cadê o pessoal do jornal?»

Estamos em Mauá, num bairro chamado Parque das Américas. Fomos lá a pedido das donas de casa, que vão hoje mais uma vez na prefeitura levar as suas reivindicações quanto à situação do bairro.

«Já fomos já umas três vêzes, não adiantou nada. Mas vamos lá de nôvo. Vamos ver quem tem mais paciência...» Diva, nossa guia, vai nos mostrar o córrego, o grupo escolar e o INPS, que precisam de urgentes melhorias.

O Parque das Américas só tem parque no nome do bairro e fica num dos centros de maior poluição do Brasil — Mauá, cidade-dormitório com cerca de 190.700 habitantes, e com 80% de suas crianças sofrendo de doenças respiratórias devidas à poluição.

No Parque das Américas, a desolação das ruas empoeiradas e sem asfalto.

«Vamos lá» arrasta-nos Ana «já avisei todo o pessoal da rua; já tá todo mundo esperando.»

Andamos. A medida que nos aproximamos do córrego, um cheiro fétido no ar.

«Esse cheiro é sempre assim?»

«Não, no calor é pior. E entra pelas casas, que não tem jeito. No calor fede mais, quando chove, alaga.»

TUDO, A GENTE QUE FEZ

Descida final até o córrego. Passamos por uma escada cavada a machado na terra.

«Essa escada, foi eu mesma que fiz» diz Ana orgulhosa. «Tava cansada de ver o povo caindo. Peguei na enxada e fiz tudo sózinha, que eu não tenho meu homem e cuido de tudo sózinha.»

O equilíbrio na escada é precário, mas a meninada sobe e desce fácil, já acostumada. «Quando chove, fica tudo barro e o pessoal leva cada tombo! Fica tudo de bunda no chão!»

Cruzamos o córrego por uma ponte tôsca, de madeira e barro. «Esse é o Viaduto do Chá, eu que fiz. Dona Jandira fêz o Viaduto do Café, e dona Geni, alí, o da Santa Efigênia. Tudo a gente que fez» conta Ana. Iniciativa mais que necessária, mas que deveria ter sido tomada pala prefeitura local — afinal, não é para isso que se pagam impostos?

O PARQUE DO LIXO E DA MENINGITE

Beiramos o rio; a população nos acompanha formando um cortejo. O córrego é uma majestade de lixo. Lixo em suas águas ralas, lixo em suas margens, lixo por todo lado. De onde vem tanto lixo?

«A rua é estreita, o caminhão de lixo não entra. Prá pegar o caminhão tem que levar a lata das ruas pra cima. Ninguém faz isso todo dia: cansa».

Em dias quentes, dizem que as águas ralas do córrego secam ainda mais e ficam estagnadas.

«Na época da meningite, foi aqui que morreu mais gente de tôda São Paulo. Tá vendo a dona Geni? Só da casa dela, morreu 17 pessoas, tudo de meningite.»

Dona Geni confirma: «Veio o pessoal da Saúde e disse que a doença é êsse córrego parado, cheio de sujeira. E tem até moleque que brinca nêle. Vai segurar criança como?»

«Vamos agora pra minha rua» impacienta-se Ana. «Tem uma picada lá que precisa ver»

Chegamos... Um fio de água corre para o córrego. sujo e acidentado. É ali que Ana mora.

Lá em cima, terreno plano. Lixo na beira da estrada.

«É lixo, lixo, êsse é o Parque do Lixo, não o Parque das Américas» desabafa Diva.

OS HOMENS PRECISAM ALMOÇAR

As mulheres começam a se dispersar — está na hora do almoço.

«Acho que não vai dar pra mim ir na prefeitura, gente. O meu homem tá lá em casa, de férias. Não aguento mais, não dá pra eu fazer mais nada! É pior que criança!»

Uma ou outra se comprometem a ir. Vão como representantes das demais, já que tôdas têm que cuidar da casa, do almoço, das crianças, dos maridos que nem pensam em ir junto.

O GRUPO ESCOLAR

Vamos até a escola. A criançada nos acompanha, contando. «Precisa ver, nêsse caminho, quando chove, chega todo mundo sujo na escola. E muitas vezes não tem nem água pra gente se lavar.»

«- Também só tem um poste lá em cima que tem luz. O resto do caminho é todo escuro. Dá um mêdo!»

«- Mesmo quem vem de ônibus tem que andar um pedação todo escuro...»

A diretora não nos deixa visitar a escola — precisa de autorização especial. Mas, numa olhada rápida, fora a falta de vidros e a falta de forro do teto de algumas salas, o resto parece razoável. Mas bom mesmo é o som da vitrola na sala da diretora.

Damos a volta e estamos em baixo da quadra de esportes. Sem cerca ou muro para proteger os jogadores.

«Noutro dia, caiu um menino lá de cima e quebrou a perna».

A VIDA E A MORTE NO PARQUE DAS AMERICAS

Agora só falta ir até o INPS. Vamos andando. No meio do caminho, um cortejo fúnebre. Caixão de criança. Severino, o pai, na frente, olhar esgazeado. «Tinha três dias, moça. Voltou num dia do hospital, morreu no outro. Num pode ser, deve ter vindo ruim de lá. E agora tá lá, de unha e lábio pretinho». Vejo o atestado de óbito: enterocolite. Fácil de curar se tivesse farmácia, médico, enfermeira, qualquer coisa por perto. «Nós também pedimos um posto de puericultura pro prefeito» lembra Diva.

«Da outra vez, ele nos ofereceu um terreno pra fazer creche. Mas creche o que é? Quatro paredes e uma placa com o nome dele? Precisamos é de um posto de puericultura.»

Volto ao Severino, desconsolado. «Cê tem mais filhos, Severino?»

«Mais dois. Mas mesmo que tivesse vinte, queria tudo vivo!»

No INPS, uma fila enorme. Esperam para receber uma guia. Depois, é preciso ir ao posto ou hospital, para ser atendido depois de outra fila. «Cê precisa ver o estoque de remédio que o povo tem em casa. Tudo comprado por receita da vizinha, do homem da farmácia. Já sabe que no INPS vão dar palpite mesmo, então pelo menos assim economiza fila,» diz Cida. «Mesmo porque» completa Diva «chega numa hora a enfermeira sai, ê escolhe os quê tão com cara mais de doentinho: esse fica pra ser atendido. Os outros têm que voltar noutro dia...Eta, bairro bom!»Diva ri.

Agora, só nos falta ir até a prefeitura.

QUANDO CHEGA A PREFEITO, SEMPRE DIZ QUE NÃO TEM JEITO

Ar condicionado... A sala de espera cheia de gente. Somos o nº 40.

«O Amaury era muito legal, antes. Sabe, ele era professor do grupo e todo mundo gostava muito dele, fizeram campanha, todos votaram nele. Mas agora que chegou a prefeito, sempre diz que não tem jeito de fazer as coisas, que não tem verba, que é difícil, sempre algum problema.»

As outras mulheres do bairro chegam. Tomaram banho, puseram o vestido mais bonito. Quatro horas depois, o prefeito atende.

Elas expõem os problemas: pedem que mande sanear o córrego, que dê um jeito no lixo; que faça o ônibus voltar pelo mesmo caminho, para que elas não tenham que andar tanto; lembram do posto de puericultura. Amaury acha caro. Diz que o máximo que pode fazer é mandar limpar o córrego e botar umas placas. E punir quem continuar jogando lixo depois disso... Se cumprir o prometido, elas conseguiram só **uma** limpezinha do rio. E um «justiçador» que as puna... Será que ele vai ficar na rua para ajudá-las a carregar o lixo ladeira acima todo dia para o caminhão recolher? Ou vai simplesmente punir quem fôr pego em flagrante? Vai por guarda pra tomar conta? Ou vai incentivar a denúncia de uma pela outra, delas que finalmente conseguiram se unir?...

Seu prefeito, isso basta?.. E prá que desunir as donas de casa, seu prefeito?..

CEDEM

PROSTITUIÇÃO

Neuza, matogrossense, 24 anos e 5 de profissão.

«Saí de Bataguaçu aos 14 anos. Lá, trabalhava na roça. Nós éramos 11 irmãos e se tivesse ficado lá, só podia ter o mesmo destino de minha mãe, trabalhar feito uma louca e ver os filhos crescerem. Quando cheguei aqui, eu pretendia trabalhar e estudar, embora minha família não tivesse posses. Sei lá, não é proibido sonhar, não é? Pretendia ter um bom emprego pra defender honestamente meu pão. Aguentei trabalhar como doméstica 4 anos, mas era muita humilhação. Como eu estudava à noite, eles aproveitavam isso pra me pagar um miséria. No fim, o que as patroas faziam era comprar minha consciência. Uma época trabalhei pra uma família com 5 pessoas, eu fazia tudo e ainda estudava num externato lá perto. Mas acabei aguentando só até a 3ª série primária.

Depois de doméstica, fui trabalhar numa fábrica de cosméticos. A 1ª coisa que êles me disseram quando cheguei, foi que era obrigatório fazer hora extra. O horário normal de trabalho era das 7,30h às 17h, mas como tinha a tal ida hora extra, só saia às 19. Resultado, saia correndo, chegava na pensão, tomava um banho e ia pra escola que começava às 19,30. Só aguentei um ano. Qaundo a gente é nova numa firma eles exploram demais, os piores serviços são dados pra gente. Também lá nessa fábrica, mexia numa máquina que desregulava toda hora, e eu tomava banhos de colônia. Acho que sou alérgica a perfume. Me dava muita dor de cabeça e meus olhos escorria lágrimas o dia inteiro. Depois disso, fiquei uns 3 mêses desempregada até que eu e umas amigas vimos um anúncio no jornal: Bar - drinks precisa de moças. Era só beber e depois eles davam Cr$ 82,00 de consumação. Nessa época eu era ainda virgem. Ninguém acreditava. Mais tarde um pouco fiquei sem casa pra morar, e o dono de um barzinho deixava a gente dormir lá. E assim foi. A mulher não vira prostituta de uma hora pra outra. Primeiro a gente luta, trabalha, tenta alguma coisa melhor, mas cada vez as coisas se tornam mais dificeis. Quando a fome aperta, você perde o amor próprio e a vergonha.

Esse ano eu ia fazer alguma coisa da minha vida, mas o ano tá indo embora e não deu pra fazer nada. Eu queria largar essa vida. A gente vive com os nervos estraçalhados e tem muita perversidade. As vezes, saio com um homem e quando ele põe a mão no meu pescoço, já penso que pode ser algum sádico querendo me estrangular...

Eu tiro mais ou menos uns Cr$ 4.000,00 por mês e só trabalho sábado e domingo quandotá muito pesado, mas se eu conseguisse um emprego, que nãopagasse a miséria que pagam, eu largava essa vida na hora.

«A mulher não vira prostituta de uma hora para outra. Primeiro a gente luta, batalha, tenta alguma coisa melhor, mas cada vez as coisas se tornam mais dificeis. Quando a fome aperta, você perde o amor próprio e a vergonha».

A existência histórica da prostituição tem origens sócio-econômicas e podemos encontrá-la nas mais diversas sociedades desde a Antiguidade.

De acordo com o país, ela pode ser mais ou menos agravada pela fome, desemprego, miséria.

No Brasil, segundo a feminista Heloneida Studart. «as prostitutas, também chamadas mulheres da vida, raparigas, mulheres dama, rameiras, garotas-programa, chinocas, etc., são calculadas em 2 milhões e a maioria delas, cerca de 80%, vem do campo. No Norte e Nordeste ingressam na profissão cada vez mais jovens». Quem nunca ouvir falar dos pais que vendem suas próprias filhas para escapar da fome ou para não vê-las morrer por não ter o que comer?

O fato é que, aos 12,13,14 anos elas podem ser domésticas ou prostitutas.

Das mulheres que chegam do interior aos grandes centros urbanos como São Paulo, grande número ingressa no meretrício. São portanto, em grande parte, mulheres analfabetas ou semi-analfabetas à procura de emprego, que compõem parte da massa marginalizada pela sociedade.

«A prostituição já existia antes de Cristo, ela vem de muitos séculos atrás, mas agora está demais! Todo lugar que você vai tem! Se quisessem acabar com todas de uma vez só, talvez não desse, mas pelo menos estas meninas de 13, 14 anos... Se eu governasse São Paulo ia ser diferente. A primeira coisa que faria, era aumentar os salários para o mínimo Cr$2.000,00. Você vê, por exemplo, esses velhos pedindo esmola e vai perguntar: por que tá pedindo esmola?

«Por que não me deram emprego». Só por que é de idade. Mas em geral, têm força prá varrer o chão, fazer qualquer coisa. É todo um estado de coisas; você vê esse negócio de assalto: eles aumentam prá 10 o número de policiais e aumenta prá 20 o número de bandidos. Por que eles não arrumam lugar prá essas crianças abandonadas? Eu mesma já fui assaltada por pivete de 15 anos. Tá cheio por aqui.

Nós às vezes sentamos e ficamos conversando: vou largar isso e trabalhar noutro lugar. Mas prá ganhar o que? Pagar aluguel, prestação, cuidar das crianças com Cr$ 800,00 ou Cr$ 1.000;00? Arrumar outro emprego prá no fim de semana ter que vir aqui defender algum? Não tem condições. Não dá prá conciliar o corpo com a mente». (Maria Lúcia, paraibana, 25 anos, 7 de profissão).

A prostituição não é, portanto, um problema individual, mas uma questão social. E como muitas mulheres vendem seu trabalho intelectual, outras seu trabalho braçal, elas vendem seu próprio corpo e com ele seus desejos e sua vida. Profissional ou ocasional, essa forma de trabalho é uma das maneiras mais degradantes de exploração: são as escravas por aluguel. E por isso, por mais que os aspectos punitivos da lei sejam atenuados, que se consiga a «regulamentação da profissão», ela só poderá deixar de existir quando houver uma modificação geral e profunda da sociedade e seus valores. Dentro de uma nova estrutura em que o relacionamento social entre homens e mulheres não permitirá que o corpo humano seja vendido.

Sueli, baiana, 33 anos e 12 de profissão.

«Comecei na vida depois que me desquitei do meu marido. Fui casada 5 anos e sofri como um cão. Primeiro fui secretária e também trabalhei de doméstica. Mas de secretária, o patrão só queria me comer. Aquilo já não era ser secretária. O que êle queria, era uma p..particular...

De doméstica fui trabalhar 4 meses depois do meu desquite. Tava desesperada, precisando mesmo. E foi justo na casa de duas mulheres da vida que eu fui cair. Elas dormiam o dia inteiro e quando acordavam se arrumavam com uns vestidos maneiros e iam pra rua. Eu não entendia como é que elas dormindo daquele jeito, conseguiam ter tanta roupa, e eu que trabalhava que nem uma cachorra, não conseguia nada. Um dia elas estavam conversando e eu perguntei, e elas contaram que trabalhavam numa bólte e perguntaram se eu queria ir. Eu pensei: o que eu tinha pra perder, já perdi há muito tempo. Aí eu fui e resolvi ficar. Nunca tinha visto tanto dinheiro de uma vez só na minha vida. Era mais do que eu ganhava em um mês de trabalho. Depois disso, ficamos nós tres nesse apartamento e arrumamos outra empregada, uma senhora. Nós ficamos bem amigas, mas as duas já morreram. Uma foi matada no Rio de Janeiro e a outra lá no Paissandú. Isso pode sempre acontecer. Eu já escapei por pouco, muitas vêzes...

Mas tenho também muitos clientes fixos. Alguns bacanas, engenheiros, advogados e dá pra tirar uns Cr$ 9.000,00 por mes. De 10 da manhã às 8 da noite trabalho nas portinhas, depois venho pra cá e fico até 3 da manhã. Só que tenho que sustentar meus 3 filhos, meu pai, minha mãe, 2 irmãos e ainda a filha de uma p.. que morreu no parto e me pediu pra olhar pela filha dela.

Tem algumas que se arrumam. Mas eu não quero mais saber de homem. E quando digo que tenho três filhos, eles saem correndo. Meu futuro são os meus filhos. Quando ficar velha, são êles que vão me sustentar e me tirar disso. Eles me dizem assim: «A gente não pode achar ruim a vida que a senhora leva porque a senhora está fazendo o nosso futuro. Lá a senhora é p... aqui, é nossa mãe». Agora não tenho mais problema de ter filhos: amarrei as trompas, mas se eu for fazer as contas, devo ter feito pra lá de 20 abortos... Se tivesse um emprego que desse pra sustentar meus filhos, mesmo que tivesse que trabalhar como uma condenada, eu ia. Mas do jeito que tô vendo, cada dia fica pior».

CEDEM

UM SOBE E DESCE SEM SENTIDO

A ascensorista vive seis horas por dia entre os números dos andares e o vai-e-vem das pessoas que passam por esses cubículos chamados elevadores. Muitas vezes sem poder ler ou ouvir música, ela lamenta a falta da janelinha que deixa ver passar os andares.

Há mais de 10 anos, o SENAC administra cursos de condutor de elevadores para homens e mulheres. O curso dura 80 horas e os requisitos são simples: ser maior de 18 anos e ter até o quarto ano primário. Depois são as habilidades... No folheto elas são: 1) Identificar e manobrar os elevadores e seus acessórios; 2) Observar e aplicar as regras de segurança, seja da parte elétrica, seja da capacidade do elevador; 3) Respeitar e reconhecer as diferenças individuais; 4) Identificar as necessidades e objetivos da higiene ambiental e do instrumental de trabalho.

O salário varia entre mil e mil e setecentos cruzeiros (o equivalente a mais ou menos um e meio a dois e meio salários mínimos, conforme o folheto), por seis horas diárias de serviço. Estas são as possibilidades. Vejamos a realidade.

«...mais fácil de dobrar...»

A profissão de ascensorista, pelo menos na capital de São Paulo, é hoje procurada na sua maioria por mulheres - em geral sem nenhuma ou pouca especialização - que tentam a partir desta profissão, nova para a mulher, um mínimo de estabilidade profissional. Normalmente são ex-empregadas domésticas, copeiras, faxineiras, ou mulheres que pelo horário de seis horas, podem combinar trabalho com estudo, ou trabalho com vida familiar.

Ao que parece, este tipo de serviço é também muito procurado por homens com alguma deficiência física, como por exemplo ex-operários que sofreram acidentes de trabalho. Existem firmas, como a Souza Cruz, que empregam apenas este tipo de mão de obra. Beneficência ou oportunismo?

Das mulheres que entrevistamos, duas são solteiras e também estudantes, e as outras duas casadas. Apenas uma delas ganha salário de mil e trezentos cruzeiros por mês. As outras têm como base um salário que varia entre .. 900 e mil cruzeiros por mês.

Ana Luíza, desquitada, uma filha de 8 anos: «Antes era só homem na profissão. Depois eles tiraram os homens e botaram as mulheres. Eu acho que é porque mulher é mais fácil de dobrar. Vim trabalhar de ascensorista porque pensei: preciso trabalhar e o dia todo não dá por causa da menina. Os únicos empregos de 6 horas são esse e de telefonista. Pois é, mesmo assim minha filha reclama que fica muito tempo sozinha. Ela tem 8 anos e prá essa idade não tem mais creche. No fim, só vejo ela três horas por dia, por causa do horário da escola. Ganho Cr$918,00 e com os descontos dá Cr$845,00 por mês. Pago Cr$150,00 prá uma vizinha dar jantar prá menina.

E agora, com esse negócio de metrô, tomo seis conduções por dia, o que dá Cr$7,50 depois do novo aumento».

Para Eloísa, casada e também com um filho, a situação não é melhor.

«Levanto às 5 horas da manhã prá chegar aqui às 7,30. Saio à uma da tarde correndo, prá ver meu filho que vai prá escola às 3. Ainda bem que tenho uma irmã que olha ele»... E conclui: «Ganho mil cruzeiros sem os descontos, e só dá porque meu marido também trabalha e a gente mora na casa do meu pai».

De três anos para cá, a profissão é cada vez mais procurada por mulheres. Entretanto, a oferta de trabalho durante este mesmo período parece ter caído bastante. Cada vez mais os elevadores são automáticos e precisam de menos gente trabalhando na profissão. Das alunas formadas pelo SENAC, apenas 30% conseguem ser colocadas. Resultado: aumento da concorrência. «Estou procurando, mas é muito difícil...sabe por que? Porque as estudantes também estão procurando. Eles preferem quem estuda, é lógico...E a gente, que não pode estudar, não arranja nada».

«Falta um dia leva três de gancho»

Outra conseqüência desta situação é a severidade com que são julgadas as faltas no trabalho. «A gente tolera porque precisa trabalhar, mas a diretoria, os chefes, se falta um dia eles dão carta de advertência».

Todas se queixam sobre este assunto. Com tantas mulheres necessitando trabalhar, eles não precisam ser tolerantes. E aquele negócio: «se não está satisfeita pode ir embora...»

A condição feminina

Outro dado importante, comum às profissões ditas femininas, é que além de ter cada vez mais mulheres querendo trabalhar e cada vez menos trabalho, as melhores ofertas são restritas às mulheres de 18 a 25 anos, solteiras e de boa aparência.

«Outro dia fui procurar outro emprego de ascensorista - eles pagavam Cr 1.200,00. Mas mesmo com minha experiência não quiseram me aceitar. O homem falou que era porque eu tinha um filho e também por causa da idade: 33 anos». Na verdade, os bancos, estabelecimentos comerciais e supermercados de alto nível que empregam ascensoristas e pagam melhor, utilizam-nas também como «recepcionistas». Isso faz com que a profissão se torne cada vez mais fechada para as mulheres mais velhas ou aquelas com família. O subemprego da mão de obra feminina fica reforçado pela condição de «objeto» que a sociedade impõe à mulher.

«Esta é a minha gaiola»

Como se não bastassem estas dificuldades, resta ainda a monotonia do trabalho. «As horas não passam, aqui a gente não tem distração. É proibido ler, não tem música, e esse elevador não tem nem uma janelinha prá gente ver os andares passando. Quando você não tem com quem conversar, começa a pensar nos problemas da vida. Dá uma tristeza! Por isso, a maior diversão é conversar com os passageiros. Mesmo quando eles enchem...» «Você viu o tamanho do banquinho? A gente passa 6 horas aqui dentro. E - como eu digo: esta é a minha gaiola».

Os resultados: «o serviço é muito fechado, a gente se sente mal. Quando cheguei, tinha enjôo...Agora me sinto opaca...». «A gente fica aqui: sobe..... desce...Vai dando um nervoso! Acho que é por isso que são só 6 horas. E tem gente, por causa da necessidade, que trabalha em dois empregos. Doze horas eu não aguentava».

«Há dois meses atrás fiquei doente, ruim mesmo. Me deu uma estafa mental. Nessa época, não podia entrar em elevador. Um dia tive que ir a um lugar no 36º andar...Tive que me controlar, mudar meu pensamento, se não ia passar mal de novo».

Apesar disso, Dayse continua ascensorista. Para ela a estafa é um pedaço da vida. Como as outras, sabe o que sofre, sabe o que vive, mas não vê como melhorar....

NÓS MULHERES: DONAS DE CASA

Se fizéssemos uma gigantesca exposição, em que mostrássemos todo o trabalho invisivel da dona de casa - comida, roupa lavada, fraldas, tricô, crochê e tudo o mais - em quanto seria estimado êsse trabalho? Quanto vale o trabalho desvalorizado e desprestigiado da dona de casa, e quem se beneficia dêle?

A RAINHA DO LAR NÃO TEM CETRO NEM COROA...

«Eu me sentia em desespero, falava: «Meu Deus, será que a vida é só isso?» Eu não estava mais na fábrica — só em casa, cuidava dos meus filhos, tudo; depois, aos domingos, ia a casa da minha mãe, né, ou então um cineminha de vez em quando. Falava: «Mas é só isso? A vida é isso?»
Sonia, 32 anos, 3 filhos

Quando a gente fica fechada, pensa que o problema é só da gente. Mas no momento em que passa a conversar mais com outras donas de casa, a gente vê que o problema é geral. E geral na classe média, é geral na classe baixa, é geral. Ai fica mais tranquila: a gente vê que o problema é geral mesmo, é uma epidemia».
Inês, 50 anos, 3 filhos

Que estranha angústia, que desconhecida epidemia é essa que atinge sorrateiramente as donas de casa e da qual não se fala? Afinal, o que se passa com a dona de casa: não é ela a rainha do lar, feliz em seu reinado, cercada de eletrodomésticos e do amor filial, mimada por seu marido, que se mata de trabalho para lhe fazer as vontades? O que se passa com ela?

Fomos conversar com algumas delas — em Mauá, em São Caetano, em Osasco, em São Paulo. E a imagem que nos deram da vida de dona de casa (da que também trabalha fora, e da que só trabalha em casa) tem muito pouco a ver com a imagem da rainha do lar. Do questionamento da «obrigação natural» da mulher fazer as tarefas caseiras, à discussão dos caminhos para mudar êsse estado de coisas, discutimos em vários aspectos o problema da dona de casa.

A conversa se deu entre Maria, 28 anos, 2 filhos, que trabalha numa escolinha; Zida, 30 anos, três filhos, atualmente apenas dona de casa; Célia, 27 anos, dona de casa; Helena, 27 anos, dois filhos, professora primária; Laura, 25 anos, dois filhos, estudante; Sônia, 32 anos, 3 filhos, dona de casa; Inês, 50 anos, três filhos, dona de casa.

UM TRABALHO QUE NUNCA ACABA

«M. - Os trabalhos domésticos têm que ser feitos, alguém tem que fazer. E todo mundo acha que quem tem que fazer é a mulher, a dona de casa. Isso ocupa muitas horas por dia...

«C. - Horas? O dia inteiro... Dona de casa, de manhã se levanta e vai até de noite, e se você bobear, passa a noite inteira fazendo. Nunca acaba, é um serviço interminável. E a roupa, é a casa, é os filhos, se não é o filho e outras coisas, mas sempre tem. Nunca acaba. Você trabalha numa firma «acabou, dei minha produção hoje» e vai embora. Em casa, não». Com exceção das mulheres que têm empregada doméstica para realizar esse trabalho por elas, para a maioria das mulheres existe uma quantidade irredutível de trabalho a ser feito.

Cálculos realizados na França, na década de 60, mostram que a dona de casa com 2 ou mais filhos trabalha, em média, 78 horas por semana, quando fica só em casa; e 84 horas por semana, quando também trabalha fora! Mais tarde, nos Estados Unidos fêz-se uma estimativa do número de horas de trabalho semanal da trabalhadora americana: nada menos de 100! O que dá mais de 14 horas por dia, sem parar para descansar nem no sábado, nem no domingo; ou 20 horas por dia, se ela parasse no fim de semana!

E depois dizem que «prendas domesticas» não é trabalho, ou ainda que a jornada de trabalho atual é de 8 horas...

PORQUE TRABALHA TANTO A DONA DE CASA?

«C. - E que envolve. O problema é que quando você trabalha fora, você chega em casa e faz o essencial. Mas quando fica dentro de casa, você limpa a cozinha, chega alguêm e come, suja um pouquinho, você vai lá e limpa outra vez. Você quer deixar tudo limpo, em ordem, e fica o dia inteiro no suja ali, limpa aqui...»

Betty Friedan, em seu livro **A Mística Feminina**, descreve essa mesma situação, chamando-a de «complexo de Parkinson», que é a capacidade que se tem de esticar o trabalho de modo a que ele preencha as horas do dia. Se dispomos de pouco tempo, esprememos o trabalho dentro delas; se temos um dia inteiro, esticamos o trabalho, inventando mais. Só que com efeitos indesejáveis tanto para as mulheres, como para a família.

Ce. - «Você fica uma neurótica. Desconta no marido, desconta na mãe...»

Da mesma forma que o trabalhador, chegando em casa depois de um dia de trabalho, tenso, ansioso, insatisfeito, necessita descarregar a tensão para poder aguentar o dia seguinte - e descarrega em geral sôbre a mulher - também a dona de casa precisa aliviar a tensão. E acaba descarregando na parte mais fraca - em geral os filhos.

Porque então manter esse padrão de «dona de casa modêlo»?

«C. - Em casa, você não tem horário. Então todo mundo acha que você tem obrigação de manter tudo em ordem. Se chora um filho às dez da noite, ou às cinco da manhã, então «ele» acha que você é obrigada, já que «ficou em casa», a dar as coisas prontas para ele.

M. - Outra coisa: ela, porque trabalha fora, então se valoriza tanto pelo trabalho de casa, como pelo trabalho fora. Então quem rodeia ela não exige que as panelas dela estejam brilhando. Mas se ela não trabalha fora, acaba se valôrizando só pelo trabalho doméstico. Tem que ser **a melhor** mãe, **a melhor** dona de casa».

Só que, em geral, o trabalho doméstico é percebido quando não é feito. Nota-se fàcilmente a desordem, a sujeira acumulada, a dona de casa «relaxada». Mas o brilho especial de um assoalho encerado só é comentado nos anúncios de televisão, para vender um produto qualquer.

UM BOM DISFARCE DO DESEMPRÊGO

Dona Inês, 50 anos, 3 filhas diz «mas eu não sou bem realizada porque dentro de casa realmente a gente não tem aquele valor. Eu faço as coisas porque eu gosto, porque é opção minha ser dona de casa, esposa, mãe, embora não tenha valor, agora que minhas filhas são grandes elas não dão o valor pra gente. Então **eu** procuro me valorizar, procuro ter uma abertura maior, mas falta muito pra realização da gente, né»?

Dna. Inês não **precisa** ficar em casa agora que suas filhas cresceram. Mas ouve todo mundo dizer que lugar de mulher é em casa, cuidando do marido e dos filhos. Certamente, se houvesse emprêgo para ela, não se diria mais isso; mas como não há, a situação de dona de casa «como manda o figurino» disfarça bem o seu desemprêgo.

Entretanto, ela realmente trabalha, em casa. Mas, numa sociedade onde o dinheiro determina o valor das coisas, o trabalho doméstico, que não vale dinheiro, nem é considerado trabalho. Porque então fazê-lo?

...MAS UM TRABALHO NECESSÁRIO

«C. - Você está trabalhando indiretamente para a sociedade... Em casa, você dá almoço, comida, lava a roupa do marido, então ele tem mais energia pra trabalhar no dia seguinte, pra render mais. Certo? Quer dizer que você não está fazendo isso para o seu marido. Você tá fazendo para a firma onde ele trabalha. Para dar mais hora extra, puxar mais na produção, ganhar prêmio por produção. Ceerto? E o pessoal não dá valor pra dona de casa, acha que ela não vale nada.

«L. - E, você trabalha para a sociedade, porque esses serviços não são fornecidos pelo Estado, ou pela Empresa. Agora, você está prestando esses serviços como se fosse pro seu marido, porque é uma pessoa de quem você gosta. Todo dia, tem que se repor as energias gastas no trabalho. E para isso não basta chegar em casa. Ela tem que estar arrumada, a comida feita, o lugar tranquilo, e os filhos cuidados, já aprendendo as coisas necessárias para serem bons trabalhadores amanhã. Tudo isso é um trabalho que interessa à sociedade, e que a dona de casa faz, como se fosse só por amor...

SEXO: PRAZER OU OBRIGAÇÃO?

«C. - Obrigação, é que a mulher é obrigada a lavar, passar, fazer comida e ainda quando o marido vem, a dormir com o marido.

M. - Você acha que isso faz parte da obrigação da dona de casa?

C - Realmente, faz parte da obrigação. Porque casou, a mulher tem que aceitar o marido, né? Tá cansada ou não, tem que dormir com ele.

M. - Mas aí não tem que entrar nas obrigações, eu acho que é um assunto muito sério. Eu acho que é diferente, não é como o trabalho doméstico, entende, é outra coisa...

C. - E, agora, do jeito que a gente foi educada e tudo, você tem que satisfazer o seu marido, e não o teu marido te satisfazer.

H. - Não, eu acho que não é obrigação. Pelo menos para mim não é. Se a gente quer, muito que bem, se não quer...

Ce. - Mas para a maioria é uma espécie de obrigação. Casou, tem que assumir o marido.

M - Eu acho um absurdo colocar assim. Eu sei que a maioria acaba sendo como disse a minha vizinha:

«Olha, todo dia o meu marido quer ter relação, eu tenho, mesmo que eu não queira, eu tenho que querer» - ela então acha que é uma função dela. Agora pra mim, pessoalmente, não tem nada que ver com isso.

As contradições, os problemas «da maioria», seja de quem fôr, a questão merece cuidado. Quais seriam as razões para essa situação? Arriscamos:

1. O marido chega do serviço cansado, irritado, e o sexo para ele é um relaxamento, um dos poucos prazeres possíveis. E ele aprendeu desde pequeno que esta é uma das vantagens quando ele casa: terá uma mulher amante e sempre disposta a esperá-lo em casa...

2. A mulher, por outro lado, aprendeu que tem que satisfazer o marido. Antes do casamento o sexo era pecado para ela. Depois do casamento, o relacionamento sexual é rápido, utilitário, visando o prazer dele. Isto explica porque um número tão grande de mulheres não encontra satisfação no ato sexual.

Esta questão pouco discutida - pudor, vergonha - acaba sendo «jogada na cara do outro» em situações extremas. E as mulheres sempre pensam que se trata de um problema individual delas, e não coletivo.

... E MULTIPLICAI-VOS ...

C. - Casamento é para legalizar viver com um homem. Você vai ter os filhos legal, e educar eles para a sociedade.

H. - Hoje em dia não se sabe mais educar os filhos. Eu acho que é importante levantar o problema das creches e a questão da educação. A mulher é vista como única responsável pela educação dos filhos.

C. - Também é muito mais fácil o marido trabalhar na fábrica, voltar para casa, pegar o jornal, ler, ou então ir tomar umas pingas, do que ficar com os filhos choraningando dentro de casa.

H. - Mesmo porque na escola não tem reunião dos pais, tem reunião das mães.

C. - Os homens nunca vão; devia ir pai e mãe. As mães deviam exigir que o dia da reunião da escola fosse de domingo, pros pais poderem ir.

M. - Uma vez fiz isso: botei a reunião pro domingo pro pai também ir. Depois conversei com as mães; sabe o que o pai fazia? Chegava em casa e falava assim «olha, mulher, a professora falou isso, isso e aquilo do meu filho. Cê trata de dar em cima dele, você resolve...»

Parece que não basta mudar os horários: é preciso mudar a mentalidade. Sem isso, tudo se passará como se ter ou não filhos fosse uma opção que a mulher tivesse sózinha - você quis tê-los, agora você que cuide deles. E os primeiros anos de infância são, segundo os psicólogos, os mais importantes para a formação da personalidade da criança. Criança que será o cidadão e o trabalhador de amanhã, cuja existência, saúde e formação deveriam portanto ser uma preocupação da sociedade como um todo, e não apenas da mãe.

E QUAIS SERIAM AS SOLUÇÕES?

Em Cuba, há algum tempo já existe uma lei que obriga os homens a dividirem com a mulher o trabalho da casa. Em outros países, outras soluções estão sendo encaminhadas.

Em 1972, na Irlanda, os mineiros entraram em greve, e pediram o apoio das mulheres. Elas pensaram e disseram: «Nós sabemos muito bem qual é o nosso lado - é o lado dos mineiros. Mas dessa vez, não daremos nosso apoio apenas engrossando o seu número. Daremos o nosso apoio levantando, ao lado deles, as nossas reivindicações». E sairam às ruas, em passeata, reivindicando salário para a dona de casa.

Esta solução está sendo discutida últimamente em vários países e alguns grupos feministas se propõem a encaminhá-la (veja a discussão que um grupo de donas de casa brasileiras tiveram a respeito, na página 15

Mas, na longínqua Albânia, as mulheres decidiram começar devagar. Começaram dividindo com seus maridos as tarefas que elas achavam mais parecidas com o trabalho que eles normalmente fazem. Ou seja, já que eles estão acostumados a tarefas com horário marcado, elas inicialmente passaram a eles a incumbência de levar e trazer as crianças das creches e escolas. Depois, em passos suaves, foram passando outras tarefas. Quando chegaram na cozinha, os homens se deram conta que imaginar todo dia «o que vou fazer para o almoço e para o jantar hoje?» era muito cansativo e neurotizante. E reclamaram. Pouco tempo depois começaram a surgir restaurantes populares em todas as esquinas. Quem não comia na fábrica, passava no restaurante, comprava o seu prato a preço de custo, e ia esquentá-lo em casa.

E nesse sentido que se está imaginando a solução ideal. De um modo geral, em todos os países as feministas pretendem que o trabalho doméstico seja socializado, ou seja, que existiam creches para todos, lavanderias coletivas, restaurantes populares, serviço coletivo de limpeza das casas, etc. E que esses serviços não sejam organizados visando a dar lucros para algumas firmas particulares ou estatais, mas, sim, de maneira a apenas servir aos interesses da coletividade.

E você, o que acha disso?

1 - Galbraith - economista norte americano - Prêmio Nobel

CRECHE

com quem deixar nossos filhos

Art.1º - Os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 mulheres, com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação.

§1º - O local a que se refere o presente obedecerá aos seguintes requisitos:

a) berçário com área mínima de 3 m/2.por criança, devendo haver entre os berços e entre estes e as paredes, a distância mínima de 0,50 cm.;

b) salcta de amamentação provida de cadeiras ou bancos-encosto para que as mulheres possam amamentar seus filhos em adequadas condições de higiene e conforto;

c) cozinha dietética para o preparo de mamadeiras ou suplementos dietéticos para a criança ou para as mães;

d) o piso e as paredes deverão ser revestidos de material impermeável e lavável;

e) instalações sanitárias para uso das mães e do pessoal da creche.

§2º - O número de leitos no berçário obedecerá à proporção de 1 leito para cada grupo de 30 empregadas entre 16 e 40 anos de idade.

Esta é uma questão que cada vez mais mulheres enfrentam, no momento em que deixam o lar para trabalhar e aumentar o orçamento doméstico. Mas mesmo trabalhando fora, a mulher continua sendo responsável pelo cuidado dos filhos. Se um deles adoece, é ela quem deixa de ir ao trabalho e não o marido. Algumas vezes é possível deixar as crianças com parentes, vizinhos ou até sozinhos. Outras vezes, não. E aí, o que fazer?

Onde estão as creches?

Na cidade de São Paulo existem 260 creches e parques infantis (públicos e particulares, conforme dados da Secretaria do Bem Estar Social/1975). Existem muito mais crianças necessitando de atendimento do que creches disponíveis (há uma vaga para cada 28 crianças, aproximadamente). A principal razão dessa carência é o pouco que se tem feito pelo atendimento do filho da mulher trabalhadora. Paras as mulheres empregadas sob o regime da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), o artigo 389 obriga as empresas com mais de 30 mulheres a terem local onde as mães possam amamentar seus filhos até os 6 meses de idade. Existem aqui dois problemas: Qual é a mãe que vai tirar seu filho recém nascido de casa, às 4 horas da manhã, para pegar 2 ou 3 conduções, ou até mesmo um trem superlotado? O outro problema é: e depois dos 6 meses, a criança com quem fica? É bom lembrar que entre 6 meses e 7 anos não há nenhuma lei que obrigue o Estado ou as empresas a fornecer educação gratuíta.

Já as mulheres funcionárias públicas tem 4 meses de licença (um mes antes de dar à luz e 3 meses após). E se ainda estiver amamentando poderá obter mais um mes de licença. Dessa forma, o Estatuto do Funcionário Público pretende resolver, em parte, o problema. Aquelas que tem outros tipos de contrato de trabalho, como por exemplo o de «prestação de serviços a terceiros» ou a «título precário», não têm nenhuma lei que lhes assegure o direito à guarda dos filhos. O Estado só tem obrigações na chamada idade escolar que vai dos 7 aos 14 anos.

Como as empresas «cumprem» a lei.

A maioria das empresas faz convênio com qualquer creche, só para estar dentro da lei. A creche N.S. Mãe de Deus, na Freguesia do O, é um exemplo disso. Lá existe somente uma babá para cada grupo de 15 crianças (a babá não tem nenhuma formação profissional). Não há médicos, psicólogas ou pedagogas presentes. As condições higiênicas são bastante precárias. Não há espaço para o lazer das crianças, não há área verde, enfim é apenas e simplesmente um depósito de crianças. Esta creche foi construída pela Prefeitura e tem convênio com três grandes empresas de São Paulo: Editora Abril Ltda., Perticamps S.A., Embalagens e Plásticos do Brasil S/A. A Editora Abril tem direito a 10 leitos (pelos quais paga Cr$450,00 mensais, sejam usados ou não). A Perticamps a 13 e a Plásticos do Brasil a 5. Embora as empresas tenham direito a 28 leitos a creche só possui 19 e no momento, não há nenhuma vaga disponível no berçário.

A creche N.S. Mãe de Deus, entretanto, não fica vazia. Atende às crianças do próprio bairro, que na sua maioria são filhos de empregadas domésticas e mães solteiras que trabalham fora.

Uma creche modelo?

A creche da Secretaria da Fazenda, que funciona há quase 10 anos é considerada modelo para criação de outras. A creche funciona já há quase 6 anos no 19º andar do prédio da Secretaria na Av.Rangel Pestana, devendo mudar-se muito em breve para a rua do Carmo, ali mesmo nas proximidades. É lamentável que as crianças devam permanecer em área tão poluída da cidade. Apesar da limitação de espaço, falta de área verde, problemas com pessoal, material, etc., a creche funciona de maneira bastante razoável.

— «Eles entregam prá gente criança criada, com 4 anos» - diz uma mãe na sala de espera - até lá, você só tem trabalho nos fins de semana. Uma maravilha. O problema meu é agora, que o menino já completou os 4 anos. Agora é que eu não sei o que fazer, mais falto do que trabalho, só com esse problema na cabeça».

Como todas as outras mães que tem a sorte de encontrar vagas para seus filhos dentro do super carente sistema de creche na capital, o problema da continuidade na educação pré-escolar mais cedo ou mais tarde se apresenta. Parques infantis são das poucas alternativas, e a fila de espera grande. Provavelmente maior que na creche da Secretaria da Fazenda, onde para 80 crianças atendidas, há uma espera de 46. Esse problema, diz dona Leda, responsável pela creche, será em parte sanado no novo prédio, que poderá atender de 130 a 140 crianças. Isso se ela conseguir que lhe mandem mais funcionários, como está pleiteando: 8 atendentes, 1 recreacionista e uma escriturária. Atualmente, 28 funcionárias atendem às 80 crianças matriculadas.

Creche ou depósito de crianças?

Limitação de espaço, falta de áreas verdes, problemas com pessoal sem qualificação...Essa é a realidade das creches. Parece até que creche é um lugar onde se «guardam» crianças enquanto suas mães trabalham. Mas creche não é só isto.

O período em que uma criança deveria frequentar creches (que vai dos primeiros meses de vida aos seis anos) tem um papel decisivo na sua formação. Nessa fase a criança é uma grande exploradora: inicia a descoberta do mundo, experimenta suas habilidades e começa a se comunicar através da linguagem. As pessoas que cuidam dessas crianças devem ser especializadas e competentes, para que possam dar a elas condições de um desenvolvimento sadio. As creches e todas as instituições de educação pré-escolar devem contribuir para desenvolver as potencialidades das crianças, se quiserem preencher sua função de prepará-los para um bom desempenho escolar futuro. E, mais do que isso, creche é importante, pois as crianças que não passam por esse processo de educação pré-escolar, já entram na escola primária com deficiências que vão dificultar seu processo de aprendizagem. Essas crianças geralmente vêm de um mundo doméstico de pobreza, com saúde precária e passam a enfrentar a escola em total desigualdade de condições.

É fundamental também, que os pais participem do trabalho da creche conversando com os professores e psicólogos, contribuindo para o seu trabalho e recebendo informação e orientação sobre o cuidado com seus filhos.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Custo de Vida: O povo está com a palavra

«Somos mães de familia em desespero e mais do que ninguém sentimos os preços dos alimentos, remédios, escola, roupas, sapatos, condução e aluguel de casa».

Mulheres dos bairros de periferia de São Paulo, preocupadas com o custo de vida que sobe sem parar, reuniram-se para organizar uma assembléia onde se discutissem esse e outros problemas, e onde se reivindicassem soluções. Essa assembléia aconteceu em junho, no Colegio Santa Maria, São Paulo, Participaram dela por volta de 4.000 pessoas, homens e mulheres, a maioria trabalhadores residentes na periferia de São Paulo.

Unidas, essas mulheres realizaram pesquisa em 1975 e 1976 para comprovar o aumento do preço do feijão, café, carne, aluguel, etc. e para mostrar que o salário de um trabalhador não dá nem para começar os gastos. «Mas de nada adiantaria provarmos com os números a fome que vai se espalhando, se a gente não pensasse nas medidas que se fazem necessárias para por remédio a essa situação de calamidade. Por isso, fizemos um levantamento das opiniões das milhares de pessoas que participaram da pesquisa, sobre quais seriam as saídas para a alta do custo de vida. Entre as muitas sugestões dadas, destacamos aquelas que obtiveram o apoio da maioria. São elas:

1- Congelamento de preços;

2- Aumento de salário e abono de emergência;

3- Organização de cooperativas;

4- Construção de creches.»

Essa pesquisa e propostas, juntamente com uma carta que explica a situação, assinada por 19000 pessoas e dirigida às autoridades e povo em geral, foram apresentadas na assembleia sobre o custo de vida. A carta foi entregue a D. Mauro Morelli, bispo auxiliar da região sul, que encaminhou-a a D. Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo.

Depoimentos do povo

Além da apresentação da pesquisa, proposta e leitura da carta, houve também durante a assembléia vários depoimentos do povo; denúncias sobre as más condições dos bairros (falta de esgoto, água encanada, asfalto, etc); sobre a falta de creches; sobre as péssimas condições dos transportes coletivos; «Operário morre de fome, morre de aciente de trabalho e se sujeita a morrer em acidente a caminho do trabalho.

Queria que as autoridades pusessem a mão na consiência e dissessem por que razão se diz que o Brasil é um país que vai prá frente. Prá frente como?». Esse foi um dos depoimentos mais aplaudidos.

Participaram ainda da assembléia, deputados do MDB como Airton Soares e Alberto Goldman; Terezinha Zerbini, líder do Movimento Feminino pela Anistia; a imprensa. Algumas autoridades executivas foram convidadas, mas nenhuma compareceu.

Os deputados presentes comprometeram-se a lutar pela realização das propostas, e apontaram a importância de reuniões como aquela, onde os principais atingidos pelos baixos salários e alto custo de vida. discutissem e encaminhassem suas reivindicações.

«Achamos que as autoridades têm que tomar providências imediatas para resolver essa situação»

As mulheres que organizaram a assembléia, a pesquisa e a carta, frizaram a necessidade de se tomar providências: «Tubo subiu muito. Portanto, a pesquisa mostra que não pode continuar a situação desse jeito. Mostra que o salário é como um caminhão carregado na subida: sobe bem devagarzinho. E o custo de vida parece um carro de corrida: sobe sem parar. Por isso tudo nós, mulheres e mães de familia, achamos que as autoridades têm que tomar providências imediatas para resolver essa situação».

«Hoje, em todo lugar, a conversa do povo é uma só. É esse custo de vida subindo que nem foguete e esse nosso salário, que não dá nem pro sustento da familia. (...) A cada ano o Pais se desenvolve e aumenta a riqueza produzida pelos trabalhadores. Sendo nós os responsáveis por todo este desenvolvimento, é justo que reivindiquemos a nossa participação nele».

crescimento e pobreza

São Paulo 1975, Crescimento e Pobreza, estudo realizado por pesquisadores do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) a pedido da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, fala dos problemas enfrentados pela população trabalhadora desta grande Metrópole.

Segundo a pesquisa, «jovens, mulheres, velhos e negros são mais radicalmente excluídos das oportunidades de emprego e remuneração.» A conclusão do estudo nos most ra que «sem que os diversos grupos populares, através de suas organizações e expressando suas diferenças, participem da construção de uma nova organização social, os resultados de eventual melhoria da condição de vida das massas serão corroídas pelo burocratismo e pelo elitismo. Uma organização social que beneficie realmente os trabalhadores só pode estar assentada em amplas liberdades populares.»

direitos da mulher

NÓS MULHERES recebeu a carta de uma bancária que foi demitida do seu emprego por ter comunicado que se casaria em breve. Publicamos um pequeno trecho desta carta:

«No dia 07-06-76, após cumprir minha jornada de trabalho no Banco América do Sul S/A (onde era funcionária há um ano e sete meses), fui chamada ao Departamento de Pessoal. Lá chegando, foi-me entregue uma carta constando que aquele tinha sido meu último dia de trabalho. Perplexa diante do ocorrido, procurando saber quais as causas, explicaram-me que a decisão foi tomada em virtude da minha comunicação, que dentro de alguns dias me casaria. Essa demissão, além de configurar política discriminatória do banco em relação aos funcionários, é um autêntico desrespeito aos direitos humanos».

O artigo 391 da Consolidação das Leis do Trabalho diz que não constitui justo motivo para a rescisão do contrato de trabalho da mulher o fato de **haver contraido matrimônio** ou de encontrar-se em estado de gravidez.

Além disso,a atual Constituição assegura aos trabalhadores direitos, nos termos da lei, que visem à melhoria de sua condição social. Assim, proíbe diferenças de salários e critérios de admissões por motivo de **sexo, cor** e **estado civil**.

Se a mulher já se encontra empregada e casa-se, não pode ser dispensada tão somente por este motivo. Se isso acontecer a firma deverá arcar com as conseqüências de uma demissão por justa causa, pagando a ela tudo aquilo que lhe é direito - aviso prévio, férias, décimo terceiro salário proporcionais e o fundo de garantia por tempo de serviço.

O caso desta mulher bancária vem mostrar, mais uma vez, que a lei não está sendo cumprida. Num caso desse, procure o Sindicato ao qual é filiada em busca de orientação, esclarecimentos e para denunciar a arbitrariedade.

Como este caso, quantos outros não estarão acontecendo? Quantas de nós já fomos recusadas, quando vamos em busca de emprego, porque somos casadas? Ou então somos despedidas quando engravidamos? Cumpre a nós todas denunciar, sempre que possível, casos como esses.

MULHER, LUTE POR SEUS DIREITOS!
SINDICALIZE-SE!

CEDEM

Por volta de 1819, o naturalista Saint-Hilaire, numa das viagens que fez ao Brasil, anotou em que condições encontrou a mulher brasileira: fez ao Brasil, anotou em que condições encontrou a mulher brasileira:

«Aqui, como no resto da província, as donas de casa e suas filhas enfiavam cautelosamente o rosto entre a parede do quarto em que eu me achava e pela porta entreaberta a fim de me ver escrever ou examinar plantas. Mas se me voltava de repente, percebia vultos que se retiravam às pressas. Cem vezes me representaram essa comédia. «E adiante, o episódio que se passou com um amigo que fora visitar uma fazenda cujo dono estava doente: «Deram-lhe de jantar; mas como a dona de casa não queria se mostrar, deslizava com a filha por trás do engenho (onde estava o hóspede) e introduziam os pratos de comida por um buraco».

Há 156 anos, portanto, só podia haver duas classes de mulheres: as de lar (se solteiras, propriedade do pai e após o casamento, propriedade do marido) ou as prostitutas, «as portas do Diabo». Isso sem se falar nas religiosas, que saíam da casa dos pais para a Casa de Deus, consequentemente, uma ramificação das mulheres da primeira casta.

Tão pesada herança de submissão e mêdo não poderia deixar de marcar fundo os versos das primeiras poetisas que ousavam escrever na maioria, tímidos poemas laudatórios, gabando as virtudes dos poderosos, louvando-os para assim conseguirem uma paternal aprovação. Se é verdade que **o homem é um animal político,** as pobres, as sonsas damas dotadas deram evidentes provas (consciente ou inconscientemente) dessa humana vocação na insistência dos temas preferidos, praticando assim a mais despudorada política literária da época. O segundo tema constante dessa vanguarda da poesia feminina, era o tema do amor. Mas amor espiritual, intocável, inacessível. Amor de virgens ou de viuvas castas, lembrando em vagos estados dálma, em anseios e suspiros e amor perdido.

E a prosa ? Descubro nos grossos cadernos de capa preta- os cadernos das contas diárias, do deve e do haver- os primeiros pensamentos em prosa das nossas primeiras ficcionistas. Alí, nas folhas onde se alinhavam as despesas do dia a dia, entre anotações sôbre o sabão e o café, furtivamente, numa ou noutra linha disponível, em forma de diário, a dona de casa ousava escrever um ou outro pensamento em tom confessional tom confessional e que se misturava com a linha adiante onde era marcado o preço da cebola. Essas, sem dúvida, as primeiras prosadoras, tecendo toda uma tênue tessitura de observações, queixas, perplexidades no gênero intimista, subjetivo. Secreto. A multiplicação dos diários e das cartas eram sem dúvida as únicas canalizações artísticas dessas damas espartilhadas: espartilho no corpo. Espartilho na alma. Dentro e fora, a respiração curta. A timidez. O jeito ambíguo, maneiroso, camuflado de se expressar sem chocar a já chocada sociedade com o fato de uma mulher ter inclinações para uma profissão masculina. E tida ainda como profissão superior. Isso, quando sabiam escrever, o que era raro. A regra era a mulher-goiabada, a mulher rendeira: bordados e doces caseiros. A agulha e a colher de pau. «Minha mãe fazia goiabada num grande tacho de cobre, contou-me o meu avô. Nunca mais comi uma goiabada igual porque no tacho ela punha sua alma,» acrescentou ele. E eu respondo agora: acredito, avô. Acredito.

Na machocentrista sociedade brasileira, herdeiras diretas das tradições lusitanas, o que poderiam essas ousadas senhoras e senhoritas escrever quando aprendiam a escrever? Um crítico literário do século XIX, irritadíssimo com o livro de uma poetisa que esboçou nos seus versos certos anseios políticos, impregnados de alguma rebeldia, escreveu na sua crítica: E desconsolador quando se ouve a voz delicada de uma senhora aconselhando a revolução. Por mim, desejaria que a poetisa estivesse sempre em colóquios com as flores, com as primaveras, com Deus.»

Isso no século XIX. Compreende-se agora a razão pela qual só nosso século, em plena década de 30, uma poetisa chamada Gilka Machado se atreverá falar nos seus poemas num amor não do espírito, mas da carne. Vimos que antes dela, as moças jamais pensaram sequer em tocar no amor sensual, que ferisse de leve, embora, o tabú do sexo. Pois bem: não foi pequeno o número de críticos e comentaristas literárias que não esconderam seu espanto em face de tamanha ousadia. Despudor. Afinal, as mulheres podiam escrever, por quê? Podiam, sim, tinha até uma ou outra bastante dotada, sem dúvida. Mas tomassem cuidadinho com o que escreviam para depois não sofrer vexame. A mulher e o negro deviam conhecer o seu lugar. Ficassem bonzinhos, sim? E continuariam merecendo a complacência e até - em caso de merecimento - o apoio de todos.

De ouvinte de estórias de lobisomem, da alfabetização com as letras de sopa de macarrão, surgia a escritora Lygia Fagundes Teles.

Do signo de Áries, cor vermelha que divide com o verde (paixão e esperança), seus escritos têm origens obscuras, mistério, sortilégio e magia. Premiada e traduzida no exterior. Algumas de suas obras: O cacto vermelho (contos, 1949); Ciranda de Pedra (romance, 1954; Verão no Aquário (romance, 1964); Antes do Baile Verde (contos, 1971); As meninas (romance, 1972). Ainda este ano, deverá ser publicado Seminário dos Ratos, contos.

Este depoimento foi feito na Sociedade Interamericana de Imprensa (Congresso cujo tema era Liberdade de Imprensa, em fins de 1975).

LYGIA FAGUNDES TELLES

No ano de 1944, esta escritora que vos fala, publicou um livro de contos enquanto cursava a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Inocente livro de uma jovem tentando esboçar pequenos flagrantes desta cidade mas sempre numa linguagem prudente, toda prudência era pouca para quem não queria de forma alguma, parecer diferente das outras moças. Cursar uma escola nitidamente de homens (éramos seis meninas para duzentos e tantos rapazes na nossa turma) já era diferente. Assumir outra profissão masculina já não seria exagerar?

Sôbre esse meu distante livro escreveu um colunista d'O Estado de são Paulo, que na época estava ocupado pela ditadura de Vargas: «Com a jovem escritora de Praia Viva acontece o que se verifica com a maioria das senhoras que enveredaram para as letras. Seu empenho mais vivo é aparecerem libertas de todos os preconceitos, afrontando o público ledor com o mesmo desembaraço com que o faz o sexo forte». E mais adiante: «tem ela páginas que apesar de escritas com pena adestrada, ficariam melhor se fossem da autoria de um barbado...»

Confesso que fiquei feliz porque ele achava que eu escrevia como um homem. E escrever como um homem era a glória. Feliz mas com uma certa ponta de mêdo: é que ainda era solteira, queria me casar e sabia perfeitamente o que pensava os rapazes (dentro e fora da escola) de meninas que começavam com essas literatices. Nas rodas que eu frequentava, só um rapaz achava muito bacana (a palavra bacana, considerada vulgar, era rara na época) isso de mulher escrever, fazer teatro, pintar. Ele achava bacana também uma menina que se realizasse (a expressão oficial era exatamente essa) fora do casamento. Mas ele era excessão, um tipo indesejável nas festinhas onde costumava pregar a liberdade total no amor, o que lhe valeu o apelido do Amor Livre...

Lembro ainda o conselho de uma tia solteirona: que eu não ficasse falando em literatura, que eu escondesse meu livro e até meu anel de doutor porque os homens, querida, os homens não gostam de burro que faz fuiiim!.. nem de mulher que sabe latim. São seres de Deus, é verdade. Mas por esse ou aquele motivo, acabam dando problemas. - E desgosto.

Uma escritora assimilada pela cultura masculina, quer dizer, escrevia como um escritor - esse primeiro elogio que recebi. Só após alguns anos de trabalho é que fui me libertando aos poucos desse elogio. Desse estilo. Descobri que podia ter minha linguagem e temática dentro da minha condição de mulher. A alegria que sinto hoje de poder escrever o que quero, sem a menor auto-censura (ao menos na hora de cração, ser livre, livre! Nesta profissão de testemunha do meu tempo com todas suas coisas boas. E más. Testemunha das mulheres do meu tempo - a maioria das minhas personagens são mulheres.

Sempre os homens nos disseram o que nós éramos. Agora nós o que somos. Sem ressentimento. Tranquilamente. Creio que a verdadeira feminista não disputa o poder dos homens porque recusa o poder. Quer apenas (e já é querer tanto!) uma sociedade sem violência nem violentação. De mais respeito aos seres humanos. Mais respeito principalmente à mulher tentando se libertar dos rótulos que a definiram (e oprimiram) através dos tempos.

Sem ressentimento, repito. A escritora Maria Teresa Horta (uma das Três Marias das Novas Cartas Portuguesas) é sem dúvida uma das mais fervorosas feministas que conheci. Disse ela: «E terrível. Você luta contra o seu opressor, o homem, depois se deita com ele. O colonizador vivendo com o colonizado. E um problema muito complexo. Não sou bissexual, mas é pena porque seria menos complicado do que gritar contra os homens para depois amá-los». A feminista e o amor. E tão simples, sim, e ao mesmo tempo parece tão difícil explicar essa coisa simplíssima: que a mulher conscientizada recusa a sociedade capitalista onde obrigatóriamente é tratada como objeto. Ou como alienada.

Através dos meus textos, das minhas personagens, sou testemunha e participante dessa luta que vai durar séculos, os frutos maiores - sabemos bem - virão depois. Não importa. «Estaremos nascendo - disse minha personagem a uma agressão que lhe fizeram. Estamos apenas nascendo. Posso nascer em paz?»

Tudo começou com Chiquinha, compositora de polcas, choros e modinhas. Depois dela, a mulher foi mais «cantada» do que propriamente cantou aquilo que pensava...

Saudade da Amélia?

No século passado, a educação das jovens de «boa família» se limitava às prendas domésticas, um pouco de português e aritmética, o francês, bordados, aquarelas e piano. A mulher servia apenas para dirigir a casa, e tratar dos filhos. Foi na época em que nasceu o maior vulto feminino da história da música popular brasileira: Chiquinha Gonzaga.

"Ô abre alas que eu quero passar"

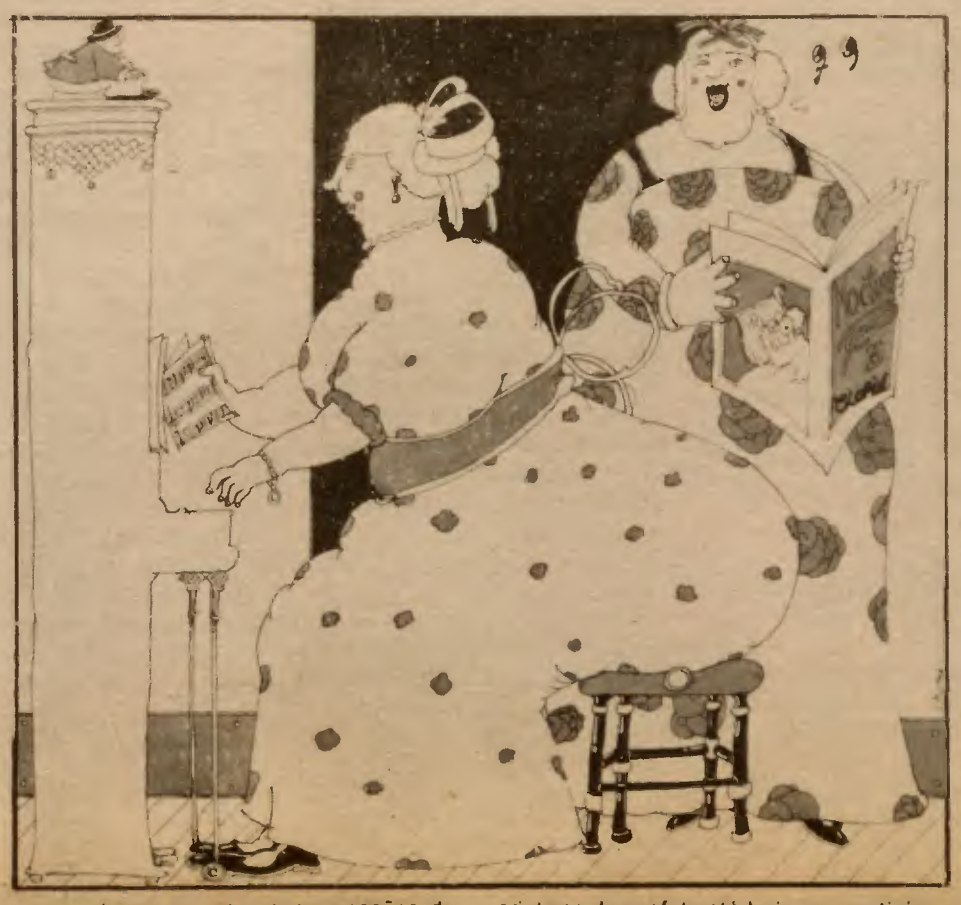
Ao contrário da maioria das mulheres que até hoje participam de nossa música popular apenas como cantoras e musas inspiradoras, Chiquinha Gonzaga compôs mais de 2000 canções em todos os gêneros: polcas, modinhas, choros, partituras para peças musicais, etc. É dela o sucesso carnavalesco de 1899, «Ô ABRE ALAS», já um começo do samba e da marcha brasileira, e uma previsão da força com que a mulher iria, no século seguinte, abrir seu caminho para a participação social.

Filha do Marechal José Basileu Gonzaga (cujo orgulho era ser da linhagem de Tomás Antonio Gonzaga e Duque de Caxias) e de ilustre dama, Chiquinha nasceu em 1847 e, com apenas 13 anos, foi obrigada pelos pais a se casar. Aí teve início sua rebeldia, que terminou apenas com a morte, em 1935. Em sua vida enfrentou a separação do marido, um novo casamento e uma nova separação. Abandonada pela família, passou a morar só com os filhos, em um porão de São Cristóvão, no Rio. Sobrevivia ensinando piano e participando de pequenas orquestras que tocavam em festas.

Chiquinha Gonzaga, cujo verdadeiro nome era Francisca Edwiges Neves Gonzaga, foi a primeira **compositora** popular brasileira. Hoje é encarada como fenômeno, tanto musical quanto social: ela enfrentou a sociedade de seu tempo com a coragem de, numa época em que apenas a música clássica tinha prestígio social, lançar-se como compositora popular; participou da Campanha Abolicionista, dedicando a renda de suas músicas a associações que lutavam pela abolição dos escravos. Sua vida, embora marcada pelo sofrimento, foi intensa e altiva na luta contra os preconceitos sociais da época em que viveu.

Samba, o ritmo do povo

Por volta de 1920, as baianas Tia Ciata, Tia Priscilliana e Tia Santo Amaro começaram a fazer, em suas casas, sessões de samba que reuniam gente famosa como Donga e Pixinguinha. Essas mulheres ajudaram a mudar a mentalidade da época, tirando o samba da marginalização em que era mantido, como ritmo apenas das classes populares (enquanto hoje, é «chic» participar das escolas, sambando na avenida). As classes altas, que valorizavam apenas a música importada, passaram então a aceitar o samba como ritmo genuinamente brasileiro. As pessoas começaram a reunir-se para dançar o samba, uma primeira aproximação entre a gente do povo e as elites sociais.



A mulher é «cantada»

Quase impedida de participar na arte, a mulher não desenvolveu suas habilidades criativas. Isso afeta até hoje sua participação na música, onde há um número muito menor de compositoras que de cantoras. Entretanto, é como «tema» ou «musa inspiradora», que nossa presença mais fica marcada: de «deusa» nas modinhas do século passado a objeto do machismo incontrolado dos compositores da década de 30, o papel da submissão e passividade da mulher, marcado profundamente por séculos de opressão disfarçados de «amor» e «dedicação», é ainda hoje retratado com abundância em nossa música popular. Leci Brandão, primeira mulher a participar da Ala dos compositores da Mangueira, diz em «Pudim de Queijo», feita no ano passado: «O ferro já tá quente/ Prá passar sua camisa/ Feijão macho cozido/ Só faltando temperar/ Vivendo desse jeito/ Você só me ameniza/ Você é meu nêgo/ e meu chamego é para lhe dar/ já preparei a água prá fazer seu banho morno/ você chegou cansado pro repouso do seu lar/ o seu pudim de queijo/ também no botei no forno/ E agora quero um beijo que só você sabe dar/ me dá!»

«LÁ VEM ELA, CHORANDO/O QUE É QUE ELA QUER?/PANCADA NÃO É, JÁ DEI».

A «superioridade do homem, exaltada por surras e tijoladas, está presente nas composições dos maiores músicos da década de 30, onde encontramos os exemplos mais clássicos de exaltação do **Machismo** e **violência.** De Noel Rosa (1910/1937): «Que mulher indigesta merece um tijolo na testa». De lamartine Babo (1904/1963): «Só dando com uma pedra nela, oi/ Só dando com uma pedra nela». Ismael Silva (nascido em 1905): «Se ele bate é porque gosta de ti/ bater em quem não se gosta/ eu nunca vi». Ari Barroso (1903/1964): «Essa mulher/ há muito tempo me provoca/ Dá nela! Dá nela!» **Lugar de mulher é na cozinha,** diz ainda a sociedade dos anos 30 através de seus músicos: «quero uma mulher/ que saiba lavar e cozinhar/ que de manhã cedo/ me acorde na hora de trabalhar» («Emilia» de Wilson Batista e Haroldo Lobo). E o preconceito contra a **mulher que trabalha fora:** «Todo cargo masculino/ seja grande ou pequeno/ hoje em dia é prá mulher/ e por causa dos palhaços/ ela esquece que tem braços/ nem cozinhar ela quer»(Noel Rosa). A mulher como **objeto sexual**, simples mercadoria posta à venda: «Quem dá mais?/ Por uma mulata que é diplomada/ em matéria de samba e batucada/ com as qualidades de moca/ formosa-feiticeira, **vaidosa**/ e muito mentirosa? O **duplo padrão de moral**, onde a sexualidade da mulher é negada e a do homem supervalorizada: «Pode falar meu bem/ Pode falar quem quiser/ O homem não pode/ viver sómente com uma mulher». O ponto alto de todo o preconceito da década, é «Amélia», de Ataulfo Alves (1909/1969) e Mário Lago, que hoje se retrata de sua visão da mulher na época: «Ai meu Deus/ que saudade da Amélia/ aquilo sim é que era mulher/ Às vezes passava fome ao meu lado e achava bonito não ter o que comer/ E quando me via contrariado, dizia: meu filho, o que se há de fazer?/ Amélia não tinha a menor vaidade/ Amélia é que era mulher de verdade». Hoje, «Amélia» ficou assim definida no Dicionário Aurélio: «mulher que aceita toda sorte de privações e/ou vexames sem reclamar, por amor ao seu homem».

No próximo número, continuaremos a focalizar a participação da mulher na música popular brasileira, nos anos que se seguem à década de 30.

Agradecemos a Mauricio Kubrusly, jornalista, escritor e responsável pela coluna de espetáculos e música do Jornal da Tarde, por ter aberto seu arquivo para pesquisa.

FOTO CRIAÇÃO

Esta é Gessy. Ela anda à procura de emprego. Está muito triste, pois não consegue e pensa nos irmãos pequenos que tem a sustentar e no pai doente.

Depois de muito procurar, Gessy chega na firma de Benê para tentar colocação. Benê se interessa pela vida dela e procura saber o que é capaz de realizar. Como ela precisa do emprego, aceita até uns certos subornos (salário mais baixo do que sempre ganhou, sair com Benê algumas vezes, quando ele quiser).

No outro dia, com os documentos exigidos, começa seu trabalho logo cedo. Fica pensando consigo mesma porque tem que se submeter a tantas humilhações. Procura um meio de afastar Benê.

Na hora do almoço consegue dissipar um pouco a tristeza. Não por causa da marmita, mas porque Ivone procura conversar com ela e juntas conseguem perceber que têm os mesmos problemas, e só unidas com as outras colegas poderiam mudar alguma coisa. Ela fica mais feliz.

Como Gessy não aceita as propostas de Benê, ele dá um jeitinho de mandá-la embora da firma. Ela se vê na rua novamente.

Enquanto isso, Benê não desiste de tentar com as outras moças. Há sempre as que estão precisando de sua «ajuda». Uma hora ou outra elas cedem! Foi o que aconteceu com Maria! Achou-o muito bacana, querendo aliviar-lhe as tristezas. Benê vai levá-la para se divertir.

Quando chegam em casa, ele até a beija... É o começo de uma amizade muito frutífera (pensa Maria).

Gessy continua procurando emprego, alimentando novas esperanças, olhando as vitrines, sonhando com o que poderá fazer quando sua vida melhorar (comprar roupas, bijuterias, comida melhor e até casar).

Outro dia Gessy saiu com Leda para ver um emprego e encontrou Benê com Maria. Só então compreendeu em que tipo de mundo estava metida e a significação da conversa que tivera com Ivone: «Só nos unindo conseguiremos realizar algo de melhora para todas nós».

Esta é a colaboração enviada por Gessy, Lela e Luiza-SP.

Por falta de espaço selecionamos apenas duas fotos e transcrevemos quase todo o texto enviado.

Agradecemos também a colaboração enviada por Denise Pertile - SP.

Este é Benê, gerente de uma firma de eletro-domésticos, rapaz simpático, meio play boy. Gosta de «manejar» as garotas como quer.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

cartas

COLABORAÇÕES

«**Entusiasmadas com o trabalho de vocês, gostariamos de colaborar». TERESA BARROS- RJ; BETTY BABO-** Friburgo- **RJ-; CORACY LOSSO-RJ-; THAÍS-** Poá- **RS-; ELISABETE BITTENCOURT-** São Luiz - **MARANHÃO;**

Muito bom pessoal! Estamos aqui esperando as colaborações. Mandem fotos, escrevam artigos, façam entrevistas e tudo aquilo que estiver dentro das possibilidades de vocês. Divulguem o jornal e colaborem na campanha de assinaturas. Sejam bem vindas!

SUGESTÕES

«Há muito tempo existe necessidade de um jornal assim. O primeiro número traz artigos muitos bons, todos focalizando a mulher em profissões mais simples, mas não menos importantes. Acho que deve-se salientar e procurar atrair também aquelas mulheres que exercem profissões ditas masculinas: engenheiras, médicas, geólogas, etc». **ANA ROSA __ POA__ RS__**

«O tom do nº 1 foi dado pela vivência dos depoimentos vivos e fortes. Porque vocês não uma fazem uma reportagem sôbre professoras primárias?». **L.B.- SP-**

«Gostaria se possível, de uma reportagem a respeito das mulheres nos presídios, pois não sei a este respeito». **ELIANA DOS ANJOS** — Salvador-**BA.**

Caras Ana Rosa, L.B. e Eliana: as sugestões são ótimas. Em todos os números vamos focalizar a mulher no trabalho e em diferentes profissões, bem como em diversos campos. Por favor nos dêem mais um tempo. Agradecemos e contamos com suas sugestões.

CONSELHO DE DEFESA DO CONSUMIDOR

«Cumprimetamos V.Sas pelo lançamento de «Nós Mulheres». Desejamos longa e brilhante vida. O Conselho de Defesa do Consumidor através de sua delegacia em São Paulo poderá oferecer subsídios».

Gratas pelo apoio e é muito bom saber que podemos contar com vocês quanto aos subsidios. Eles nos serão de grande utilidade.

UM VERSO PARA NÓS MULHERES

«Queridas vós mulheres,
bem vindas ao mundo dos
seres livres vós sois a
melhor metade, pelo menos
do ponto de vista dos que se
sentem pior sózinhos»

RODOLFO__SP

CRÍTICAS

«Creio que a Emancipação/ Libertação da mulher do Poder/ Liderança do homem é a do homem, também de seus condicionamentos. Sei que isso só pode se dar gradativamente e que vai levar tempo. Por isso tôdas essas atividades deveriam ter começado ontem, mas antes tarde do que nunca. Tem mais é que mandar ver mesmo». **BRITO - SP.**

Perfeito, Brito, é isso mesmo. Lançamos neste número a campanha de assinaturas e contamos com você.

«Saber de mais um jornal feito por mulheres para mulheres enche-me de esperanças. Vocês disseram um pouco do que sempre desejei dizer. Continuem por favor para que possamos continuar». **HELENA M.DE SOUZA__** Barra Mansa -**RJ__**

Claro Helena, vamos continuar sim apesar de todas as dificuldades. Nosso jornal presende dizer tudo ou quase tudo o que as mulheres tem vontade de dizer, o que todos tem vontade de dizer. É uma tribuna aberta de debates. Continue a nos escrever.

«O primeiro número do nosso jornal realmente não foi nada interessante em termos de entretenimento, nem de cultura. Infelizmente as escritoras dos artigos (que me desculpem es-) queceram-se de ser as «lutadoras» que querem libertar-se de sua condição de mulheres. Fizeram o que todas as mulheres fazem; reclamar, reclamar e reclamar. Todos os artigos escritos por mulheres, eu como mulher, acho que são dramáticos **demais». NEUSA O.SANTOS — SP**

Suas críticas não nos ofenderam Neusa, pelo contrário são interessantes para que possamos esclarecer alguns pontos: 1)o jornal não é um veiculo de entretenimento; 2) pretende mostrar e informar às mulheres as condições em que se encontram. Se tais condições são dramáticas, por outro lado são reais. Releia por exemplo o Editorial - lá está um resumo das coisas pelas quais estamos lutando. Continue a nos mandar sua criticas tá?

NÓS MULHERES AGRADECE

ROSANA REZENDE __ Alegrete-**RS; FÁTIMA CASTOR** Recife-**PE; LUCY F. DE ALMEIDA-** Araraquara-**SP; ANA ROSA__** Porto Alegre-**RS; RENATA PALLOTTINNI__SP; ACIR VIDAL** - Niterói-**RJ; HENRIQUE LEVY** - Recife-**pe; FERNANDO, JORGE E ANA-** Salvador- **BA; MARIZA L.DE AMORIM__** Campinho-**RJ; ELIZABETE ROCHA__**Porto Alegre-**RS; CAROLINA TROGLIO__** Porto Alegre-**RS; DANIELA KUBATOVA__CHECOSLOVÁQUIA__; YARA__ ESCOLA BALLET TEATRO - SP; MARIA APARECIDA ALVES __SP; THAÍS B. OLIVEIRA E CHIARA CORBELLETTO-FORTALEZA—CE;—**

CONSELHO DE DEFESA DO CONSUMIDOR —SP; CENTRO BRASILEIRO DA MULHER—RJ; CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA MULHER BRASILEIRA—SP; CASA DA UNIVERSITÁRIA DE SÃO PAULO.

A todos vocês que nos escreveram mandando Retalhos, Artigos, Fotos, Poemas, Cheques, Apoio e Incentivo, agradecemos por tudo. As colaborações e dados recebidos, iremos publicando assim que for possivel. Continuem a escrever mandando o que puderem. Aos que direta ou indiretamente nos ajudaram divulgando o jornal por esse Brasil afora, o nosso obrigada!

UM POEMA PARA NÓS MULHERES (MARIA TELES -SP)

«Pensei em nós, mulheres, no nosso cotidiano, nos nossos homens distantes e amados, muito nos nossos filhos que tanto labutamos para criar e saiu isso:

«O viver cotidiano/É a amargura de não ser/um ser comum/que come/quando tem fome/que bebe/quando sente sede/que anda e corre/no espaço que é dele e do outro/ e do outro e de tantos outros/0 cotidiano do viver é atravessar a rua /que não é sua/correndo junto com outros/outros já estão do outro lado/e outros o carro matou/A rua do cotidiano/é dos carros/que não são seus/No lado do cotidiano/estão à sua espera/gente sua, dos outros/e de outros tantos/Na rua do cotidiano há um **PARE**/Corre para o outro lado: **DEVAGAR ESCOLA**/Depressa já deu o sinal/ vão fechar o portão da escola/ Daqui cinco minutos/Na esquina do cotidiano/há um bar/Pague a conta e vá embora/que a fábrica fica longe/0 ônibus do cotidiano/vai passar atrasado no ponto/Na frente do ônibus há um sapatinho perdido/fica dependurado em cima do motorista/Atrás vão os pingentes/ Reclamações na **CMTC**/Dentro existe a roleta/que consome o salário/Mas não faz mal/O cotidiano tem hora extra/E a rua tem farol/Depressa que é o vermelho/vai aparecer/A noite do cotidiano/tem pouca duração/ Lá fora está clareando/É hora de levantar/Mesmo que esteja fria a manhã do cotidiano/».

Nota da Redação: n os reservamos o direito de resumir ou publicar apenas pequenos trechos das cartas recebidas.

LEIA
BRASIL
MULHER

REGISTRO

Associação das Domésticas

Um grupo de 1.500 mulheres formam a Associação Profissional dos Empregados Domésticos de São Paulo. A entidade foi criada há 14 anos, como o objetivo inicial de lutar pelos direitos da classe. Hoje tem ainda uma série de atividades para o aperfeiçoamento profissional e cultural dos associados, por exemplo, cursos de cozinha, de formação de babás e copeiras, um curso geral de formação da doméstica, corte e costura, manicure, dinâmica de grupo, etc. As aulas são dadas pelas próprias associadas, muitas vezes com cursos de treinamento feitos em outras instituições, ou por gente especializada, com o horário das aulas e o preço planejados de forma acessivel a todos. A Associaçao funciona também como agência de emprego.

Atualmente a Associação está empenhada na luta pela aprovação de um projeto lei do deputado Francisco Amaral, que tramita pela Câmara Federal.

Ele propõe, em linhas gerais, 13° salário, a jornada de trabalho de 10 horas com 6 dias semanais e o salário minimo com 45% de desconto (referente a habitação e alimentacão, custeada pelos patrões). O projeto foi discutido durante 3 meses na Associação e além de um abaixo assinado de apoio com 100 nomes, foram enviadas ao deputado algumas sugestões de emenda, principalmente em relação aos descontos. O projeto de Amaral enfrenta a oposição de um substitutivo, que estabelece o desconto de 65%. A Associação apoia, evidentemente, o primeiro projeto.

O endereço da Associação é: Rua Herculano de Freitas 13, na BELA VISTA. A inscrição é de 5 cruzeiros, com duas fotos 3x4 e mensalidades de 5 cruzeiros.

«Não deixe em outras mãos a decisão do seu salário» - Após ampla pesquisa, os bancários chegaram à conclusão de que deveriam exigir aumento salarial de 60%, além de reivindicações como estabilidade para a gestante, desde o inicio da gradidez até 4 meses depois do parto. No entanto, os banqueiros não aceitaram estas reivindicações e fizeram uma contraproposta, discutida em edição extraordinária da Folha Bancária: «Com a resposta dos banqueiros, fica claro que a intenção deles é não atender sequer às nossas mínimas necessidades. Os indices oficiais do governo, que os banqueiros nos oferecem, são insuficientes para recompor o poder de compra dos nossos salários. Já é tempo de exigirmos uma participação nos altos lucros que os bancos vêm auferindo, que na realidade são produzidos pelo nosso trabalho.»

LEIA
OPINIÃO

BATE PAPO

Um salário para a dona de casa - medida defendida por alguns grupos feministas da Europa, e rejeitada por outros. Perguntamos a algumas donas de casa brasileiras o que elas achavam disso. A discussão segue.

C.- Eu não sei se seria bom, não. Porque a dona de casa não se desenvolve. Ela continuaria envolvida com êsse trabalho doméstico, em lugar de abrir a mente para outros tipos de problemas. Se vão pagar um salário, então ela fica mais acomadada ainda, entendeu? Vai pensar: estão até me pagando por isso, então essa é minha vidinha mesmo, e vou continuar assim tôda a vida.

L. - É, mas pode também ter aquele aspecto dela falar: bom, tô recebendo esse salário, então vou fazer só esse tanto de trabalho. Ou então começar a reivindicar um salário maior.

C.- Mas se você não está com uma visão mais ampla, não vai poder exigir uma coisa que você não sabe.

M.- Realmente, acho que não vai mudar a imagem que se faz da dona de casa, mas não acho que vai bitolar, não. Vai sair um pouquinho mais de dinheiro do patrão. Que vai melhorar a renda da familia, vai.

C.- Mas e dai se vai entrar um pouquinho a mais? Sempre vai sobrar aquilo de ter pessoas que ganham menos e pessoas que ganham mais...

M.- Mas vamos supor uma familia onde o marido ganha um ou dois salários, se ela também recebe, puxa, é melhor do que não receber nada!

C.- O trabalho não devia receber dinheiro. Deviam coletivizar, isso sim.

L.- Mas antes de ser coletivizado, você tem que fazer alguma coisa. Eu tô achando que é um passo muito grande coletivizar. Mas assim...

C.- Mas ai, se recebe salário, você se acomoda. Tranquilo.

M.- Mas ninguém sabe se acomoda. Em que lugar isso aconteceu? Onde estão pagando para as donas de casa e elas se acomodaram?

M.- Entende, eu também estava com essa idéia. Mas acho que sempre vai ter o problema de comparação, né. Porque o trabalho da casa, êles não vão valorizar como o trabalho do escritório. E vai haver comparação.

S.- Ela vai começar a sentir seu trabalho como profissão...

L.- Dai èla vai dizer: trabalho tudo isso pra ganhar essa miséria?...

M.- A maioria das mulheres brasileiras trabalha pra poder comer... Recèbem pouco, os filhos são doentes. Puxa, se recebe um salário a mais, se êsse trabalho QUE ESTÁ SENDO FEITO passar a ser pago, ela tem oportunidade de receber um salário do patrão, ou do Estado (de qualquer modo vem de fora, né?)... E não é porque você não paga um salário para a dona de casa que ela vai ficar mais consciente de que deve trabalhar fora, de que deve participar da sociedade.

C.- Eu acho que o mais certo é a gente lutar por creche. Se você tem onde deixar os filhos na creche, a casa você faz em duas horas e dá uma escapada por ai para ver o mundo.

M.- E a comida? E a roupa? E quem te paga? Porque, se você já trabalhou oito horas, vai agora trabalhar mais duas, de graça?

C.- Não, êsse negócio de pagar... Mas uma creche onde você deixa os filhos já seria um grande passo, a partir da educação dos filhos. A mulher em casa, ela é muito egoista com os filhos. O filho é meu, e ninguém dá palpite. Mas com creche seria diferente. E você ganha mais tempo para se dedicar a uma leitura, a sair, a ir em algum lugar.

S.- Quando a mulher sai para trabalhar fora, ela passa a conhecer mais o mundo. É bom trabalhar fora por isso.

C.- É. O fato de tomar uma condução, conversar com uma amiga, vai achar que não tá bem o salário... A mulher que trabalha fora tem mais chance de se desenvolver.

S.- É; e se ela ganhar um salário pelo trabalho de casa, o marido vai falar «olha, você vai ganhar um pouquinho, pra que vai sair pra ganhar mais?» E depois, precisa ver como essas mulheres vão pedir êsse salário. Se brigarem por isso, muito bem, mas e as que não brigarem?

M - Eu acho que desmistificaria o trabalho delas. E por exemplo, se num mês o salário atrasar, então ela já não faz o serviço.

L - E depois tem as férias, o horário de trabalho, vai ter que pensar nisso tudo. Eu acho que vai dar o que pensar.

M.- E v. já imaginou? Metade da população são mulheres. Já pensou o tutu que o governo vai ter que gastar pra pagar a gente? Ela vai ter que despertar, antes disso, pra exigir esse salário.

S.- Mas então porque não aumentar o salário do marido?

M.- Você acha que seria a mesma coisa? É muito diferente se *ela* receber um salário pelo trabalho que *ela* faz em casa, ela vai se sentir mais valorizada e trabalhando, contribuindo de verdade, não sendo sustentada.

S.- Eu achava bom a gente ver o que a mulher brasileira está achando disso, o que ela quer, Fazer uma pesquisa nos bairros.

M.- Eu acho que não está na fase de fechar a coisa ainda. Acho que estamos na fase de levantar a questão. É boa a idéia dela, vamos sair perguntando qual o problema maior que a mulher sente agora.

retalhos

PRIMEIROS SOCORROS - (As crianças vivem se machucando)

Pequenos acidentes ocorrem todos os dias. Mas um pequeno corte pode infeccionar por não ser bem desinfetado e limpo. A infecção ocorre quando não foi feita a higiene e quando o corte não foi cuidado com rapidez. O perigo é deixar que o corte entre em contato com sujeira, terra, objetos enferrujados (como pregos, latas, arames ou mesmo por um simples

espinho). Nesses casos, recomenda-se lavar muito bem o ferimento com água e sabão, e em seguida colocar um desifentante como água oxigenada. Após a limpeza, deve-se ir a uma farmácia ou pronto-socorro para a assistencia necessária.

SAÚDE DAS CRIANÇAS

A vitamina «D» é importante no crescimento e desenvolvimento das crianças. Combate o raquitismo (por ser rica em cálcio e fósforo) e ajuda o desenvolvimento dos dentes e da formação óssea. É indicada também para as mulheres no periodo de gravidez e lactação. É encontrada na gema de ovo, figado, manteiga, creme de leite e no óleo de figado de bacalhau. A luz solar é outra fonte de vitamina D (crianças pequenas devem tomar sol pela manhã - até as 10:00 horas ou no fim da tarde).

MEDICINA CASEIRA

A arnica alivia rapidamente a dor. Usada externamente, pode resolver casos de cortes, contusões e até de reumatismos, em aplicações locais.

Eucalipto

Para combater as doenças pulmonares como asma e bronquite, e eliminar o catarro caracteristico dessas doenças, faça um chá com folhas de eucalipto. Mas esse chá não deve ser tomado e sim inalado, isto é, a pessoa deve aspirar o vapor da àgua fervente com as folhas de eucalipto durante alguns minutos.

CÂNCER MATA MAIS NO BRASIL

Você sabia que o câncer dos órgãos genitais femininos e das mamas mata mais no Brasil do que em qualquer outro lugar do mundo?

Isso só acontece porque o sistema de prevenção do câncer ginecológico não está sendo devidamente usado. Existem postos de atendimento gratuito espalhados pelos Brasil inteiro, com aparelhagem para prever com até *15 anos* de antecedência, se a mulher está sujeita a contrair a doença. Se você já tem 30 anos ou mais, procure os postos de atendimento gratuito:

Rio de Janeiro - Instituto Nacional do Câncer, Pça. da Cruz Vermelha, 23 ZC-86

Minas Gerais - Liga Maranhense de Combate ao Cancer - Hospital Borges da Costa, av. Alfredo Balena - Belo Horizonte

Rio Grande do Sul - Associação Rio-Grandense-Hospital Santa Rita, r.Prof.Sarmento Leite, 187 - Porto Alegre

Pernambuco - Sociedade Pernambuco, av. Cruz Cabugá, 1597 - Recife

São Paulo - Hospital das Clinicas - r.Dr.Enéas de Carvalho, 255 Instituto São Camilo de Prevenção do Câncer ginecológico-Av. Pompéia, 1178

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

MENOR ABANDONADO: UMA AMEAÇA A SEGURANÇA NACIONAL?

O número de menores abandonados, somente no estado de São Paulo, é de 1.500.000. No Brasil inteiro, as crianças cujas famílias não têm condições de atender às suas necessidades básicas chega a 14 milhões.

O menor abandonado, principalmente dos grandes centros urbanos brasileiros, é um ser desamparado, que não tem outras alternativas que não sejam o roubo ou biscates. É comum ver-se em São Paulo, às tres horas da manhã, meninas de 7, 8 anos, vendendo flores nas portas de boates, ou meninos vendendo pentes, amendoins, engraxando sapatos, tomando conta de carros estacionados, para receber alguns trocados. Crianças de famílias que têm uma renda mensal inferior a um salário mínimo. Segundo o presidente da Funabem - Fundação Nacional do Bem Estar do Menor - Sr. Fawler de Melo, os menores abandonados «são uma séria ameaça à segurança nacional na medida em que podem transformar-se de vítimas em inimigos da sociedade» - «O Estado de São Paulo - 1/9/76.

O Recolhimento do menor pela Policia é o primeiro passo rumo ao crime

O procedimento rotineiro é o recolhimento pela polícia dessas crianças, que passam pelas delegacias policiais antes de serem encaminhadas aos órgãos oficiais e aí recebem sua primeira aula de criminalidade, entrando em contato com marginais adultos. Depois da triagem são recolhidas pelas Fundações de Amparo ao Menor que existem no país. Mas estas fundações parecem também não satisfazer as reais necessidades destas crianças abandonadas. Segundo uma assistente social do Recife, «a Febem, órgão estadual de assistência do Bem Estar do Menor, acha que, se um juiz examinasse afirma: «nos últimos dois anos, dez mil crianças devem ter passado pela Febem, mas elas entram por uma porta e saem pela outra, geralmente mais perigosas do que quando chegaram». Segundo essa mesma assistente social, êste fato é explicável: ao chegar ao núcleo da Febem, o menor, em lugar de ser recebido por um psicólogo ou assistente social, é imediatamente trancado em uma cela; ele não só se revolta com o tratamento recebido como também aprende com os maiores, a ficar mais perigoso e experiente.

Um dos próprios diretores da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, acha que, se um juiz examinasse detidamente as instituições de recolhimento de menores mantidos pela Funabem, teria que fechar 95% delas, pois alí, os menores não recebem alimentação adequada, são fiscalizados e instruídos por funcionários despreparados, que só têm curso primário; as condições de higiene são péssimas, as instalações precárias, o ensino deficiente, nenhuma orientação pedagógica, pouca comida e muito castigo físico.

As verbas dos orçamentos anuais dedicadas à assistência ao menor abandonado, não chegam a 1%. Mas será que mesmo contando com maiores verbas, os programas assistenciais do governo conseguem realmente mudar a vida dessas crianças?

A Aplicação de um projeto para o menor abandonado

Pirajussara pertence ao município de Taboão da Serra, no Grande São Paulo. É uma espécie de «cidade-dormitório» onde famílias vindas do Nordeste se instalam enquanto procuram emprego em São Paulo. A dificuldade de encontrar trabalho, porém, e os baixos salários recebidos por aqueles que encontram, fazem com que muitas famílias terminem por ficar morando ali mesmo. E a população do bairro não para de crescer: atualmente são umas 35 mil pessoas se amontoando em casas de pau-a-pique ou papelão.

Pirajussara na verdade é um grupo de morros - onde são construídas as casas - cortado por um córrego imundo que serve ao mesmo tempo de depósito de lixo, esgoto e lugar de brinquedo para as crianças. As donas de casa muitas vezes fervem essa água para o uso na cozinha e para lavar roupa, isso porque não existe água encanada, esgoto, luz elétrica ou qualquer outro serviço básico.

Diante dessa miséria, não se admira saber que Pirajussara tem o maior índice de criminalidade infantil do grande São Paulo. E esta é a razão porque foi o lugar escolhido pela Funabem e pela Pró-Menor (Fundação Paulista de Promoção Social do Menor) para a aplicação de um Projeto de Integração do Menor à Comunidade (Plimec). Sendo que em Pirajussara, aproximadamente 800 crianças foram consideradas carentes prioritários.

Helena, jovem estudante de Sociologia, conta como foi trabalhar neste projeto: «Em janeiro fui chamada por uma amiga para participar desta experiência, que a princípio me pareceu interessante: tentar tirar do total abandono educacional massas de crianças carentes. O local escolhido para centro das atividades, foi o posto de Assistência Social, uma casa pequena e sem recursos.

— Como ensinar a escovar os dentes a quem não tem água encanada nem esgoto ?

As crianças foram agrupadas em turmas de O a 3 anos, 3 a 6 etc. até a turma mais velha, de 15 a 18 anos. A gente deveria ensinar noções de saúde e higiene, relações sociais, aulas de ginástica e arte.

As crianças teriam aula sómente duas vezes por semana, com duas horas de duração e um intervalo para a merenda de pão com manteiga e leite».

Helena conta como desenvolveu sua experiência de 6 meses trabalhando junto a esses menores: «Não foi difícil perceber até que ponto essas crianças são fruto do tipo de vida que levam. As noções de higiene e saúde, que tentamos transmitir, esbarravam nas condições reais da vida que elas levam, criando a maior contradição. É quase tragicômico dar escova e pasta de dente a uma pessoa que não tem sequer água, em sua casa. Coisas assim arrasam com um programa de prevenção social. Como conseguir, nessas condições, que as crianças passem de **trombadinhas** a seres ajustados e tranquilos?»

Do «amor e compreensão» ao medo e desistência

O lema de professoras e estagiárias, o lema do projeto, é «amor e compreensão». Assim que o programa começou em Pirajussara, as orientadoras sentiram a necessidade de insistir nas aulas de higiene, diante da sujeira das crianças. Um dentista foi chamado para ensinar como escovar corretamente os dentes. Mas, além de não dominarem os princípios básicos da higiene, por falta de água e banheiro em casa, as crianças tinham um problema prioritário: a subnutrição. «A fome é a raiz dos males de milhões de menores-problema do país» - Ministro Nascimento Silva - da Previdência e Assistência Social.

«Certa manhã», conta Helena, «quando as professoras chegaram ao local das aulas encontraram a sala de material de artes, a secretaria, a cozinha e o banheiro completamente revirados. As crianças tinham atacado em busca de comida; os mantimentos tinham sido devorados. E este tipo de roubo, roubo-criança, roubo-fome, passou a se repetir. As duas merendas semanais não eram suficientes para matar uma fome atrasada».

Muitas vezes as professoras iam buscar os alunos no córrego infecto: as crianças caçavam sapos para vender. Alcoolismo e miséria - dois aspectos da vida cotidiana de Pirajussara - levam a violência para dentro das famílias. E muitas crianças se acostumam ao uso de faca e navalha para se defender. Diante de um castigo que lhes pareça injusto, reagem com violência - como uma vez em que uma professora recebeu uma navalhada. («...o menor abandonado agride porque é agredido pela sociedade» - Artur de Oliveira Costa - juiz de menores da capital).

«E porisso», explica Helena, «que aquilo que se chamou a princípio de «amor e compreensão», foi aos poucos se transformando em medo e desistência. Cada dia que passava percebíamos que a transformação das crianças não dependia de nós. E o problema de saber, afinal, quem é que abandona o menor abandonado, foi se colocando cada vez mais forte em nossas mentes.

«A origem do problema»

O problema começa no momento em que essa criança nasce, na pobreza, a mãe obrigada a trabalhar o dia inteiro, sem poder dar assistência aos filhos. A essa criança nunca se ofereceu educação. Como agora, de repente, a gente pode esperar uma transformação?

Onde está, na verdade, a origem do problema? Uma coisa é tentar mudar o menor marginalizado. A outra é perceber até que ponto isso é possível, sem tentar modificar o meio em que ele vive.»

Na hora do lanche, a fila que se multiplica. Não só as crianças inscritas nas aulas, mas muitas outras tentam conseguir um copo de leite e um pedaço de pão com manteiga. Olhos cheios de medo e violência. Os seis meses de trabalho de Helena com as crianças de Pirajussara levam a uma última reflexão: «É quase absurdo ensinar arte a menores que enfrentam o que eles enfrentam para tentar sobreviver. Ninguém é **trombadinha** ali porque quer, mas porque não tem outra escolha».

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM